UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

AS RAZÕES DA ESCOLHA: UMA ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES PARA O INGRESSO NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DANILO FARIAS BERBERINO

Brasília - DF

2018

AS RAZÕES DA ESCOLHA: UMA ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES PARA O INGRESSO NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Dimitrov

Brasília – DF

2018

AS RAZÕES DA ESCOLHA: UMA ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES PARA O INGRESSO NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Dimitrov (orientador) – SOL/UnB

Prof. Dr. Stefan Fornos Klein (examinador) – SOL/UnB

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da Vida, por todo bem e toda a graça;

Aos parceiros de caminhada nesse período de graduação, particularmente a Wanderson, Mateus, Francisco, Cléber e Fernanda na partilha das alegrias e dos sofrimentos, na vivência de momentos para sempre memoráveis;

Aos demais colegas que ingressaram comigo no primeiro semestre de 2013 nas Ciências Sociais, por tantos momentos bons vividos dentro e fora da universidade;

Aos queridos "brothers" do PET/SOL (leia-se moças e rapazes), pela convivência intensa dentro e fora de nossa amada salinha, com risadas, lanches, rolês, trabalhos e RUs, que ficarão para sempre guardados na memória;

A Bibi, Rari, e Regi pela amizade, apoio, incentivo e partilha das alegrias da vida;

A Darci e Pe. Lázaro por acreditarem nas minhas capacidades, indicarem caminhos novos e me encorajarem a avançar para águas mais profundas;

Aos professores do Departamento de Sociologia, particularmente: ao professor Tiago pelos trabalhos realizados conjuntamente; ao professor Eduardo, orientador deste trabalho por toda paciência, instrução e atenção nos passos aqui dados; e ao professor Stefan por se dispor gentilmente a compor a banca;

A Wanderson novamente pela revisão do texto, a Andresa e Pedro pelos trabalhos de transcrição das entrevistas;

Por fim, e principalmente, à minha família: meu pai Elias e minha mãe Socorro, aos quais dedico este trabalho, e à minha irmã Sarah, por todo amor, carinho, incentivo e compainha.

“O ser humano é um ser de decisões.”

(Viktor Frankl)

RESUMO

Tendo em vista os diversos perfis de estudantes de Ciências Sociais, ao mesmo tempo em que existem características comuns compartilhadas por grande parte dos mesmos, convém investigar as razões que levam à opção por este curso no nível superior. Este trabalho busca analisar, a partir de entrevistas realizadas com alguns estudantes em 2017, motivações para o ingresso no curso de Ciências Sociais na Universidade de Brasília, levando em consideração três aspectos gerais: o papel da família na formação do indivíduo e na aceitação/incentivo à opção pelo curso, a experiência com a disciplina de Sociologia no ensino médio e a perspectiva profissional dos estudantes. Iluminam grande parte das considerações que serão tratadas as reflexões de Pierre Bourdieu acerca das questões referentes ao capital cultural.

Palavras-chave: ensino superior, motivações, Ciências Sociais

ABSTRACT

In view of the different profiles of students of Social Sciences, at the same time that there are common characteristics shared by most of them, it is necessary to investigate the reasons that lead them to the decision to do option for this course at the higher education. This paper, based on interviews with some students in 2017, seeks to analyze the motivations for joining the Social Sciences course at the University of Brasília. Three general aspects have been taken into account: the role of the family in the formation of the individual and the acceptance/incentive the option for the course, the experience with the discipline of Sociology in high school and the professional perspective of the students. The present considerations are illuminated by Pierre Bourdieu's reflections on the issues of cultural capital.

Keywords: higher education, motivations, Social Sciences

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

CAPÍTULO 1 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DA TEORIA DE PIERRE BOURDIEU.....14

1.1 - Habitus.....14

1.2 - O capital cultural.....15

1.3 - Os três estados do capital cultural.....16

CAPÍTULO 2 - A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES.....18

2.1 - Incentivos à leitura e às artes.....19

2.2 - O apoio discreto.....21

2.3 - Preocupação e aceitação dos pais.....23

CAPÍTULO 3 – AS MOTIVAÇÕES ALÉM DA FAMÍLIA: A ESCOLA E O FUTURO.....25

3.1 - O contato com a Sociologia no ensino médio.....25

3.1.1 - O desempenho do professor na disciplina.....25

3.1.2 - Fatores diversos.....27

3.2 - Perspectiva profissional.....29

3.2.1 - O desejo de ser professora.....29

3.2.2 - Ainda indecisos.....30

3.3.3 - Atitudes comuns.....32

CAPÍTULO 4 – O INÍCIO DO CURSO: EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS.....34

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....37

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....38

APÊNDICE A – Questionário aplicado via *Internet*.....40

APÊNDICE B – Termo de autorização para a entrevista.....43

APÊNDICE C - Entrevistas.....44

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

ANECS – Articulação Nacional dos Estudantes de Ciências Sociais

ENECS – Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais

CA – Centro Acadêmico

FEB – Formação Econômica do Brasil (disciplina)

HEG – História Econômica Geral (disciplina)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Inteco – Introdução à Economia (disciplina)

Isol – Introdução à Sociologia (disciplina)

PAS – Programa de Avaliação Seriada

PEC – Projeto de Emenda Constitucional

Pibid - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PT – Partido dos Trabalhadores

REL – Relações Internacionais (curso)

TCC – Trabalho de conclusão de curso

UnB – Universidade de Brasília

INTRODUÇÃO

Toda a análise desenvolvida neste trabalho se deve a minha condição de estudante do curso de Ciências Sociais na Universidade de Brasília. Lanço um olhar sobre colegas de curso e procuro responder algumas questões que surgiram na convivência com os demais alunos da graduação. As indagações primeiras que me motivaram a abordar esse público surgiram na percepção de que grande parte dos alunos do curso, senão a maioria, sempre tiverem dificuldades, ou até mesmo aversão às disciplinas obrigatórias da grade curricular que de alguma forma trabalham com números e cálculos, mais precisamente as disciplinas de Introdução à Economia (Inteco), e Estatística Aplicada. Esta situação é, inclusive, constantemente motivo para várias reprovações nestas disciplinas. Sempre associei esses fatos com a provável dificuldade no aprendizado das Ciências Exatas durante a educação básica, supondo, inclusive, que seria possível que alunos tivessem optado pelo curso por conta de uma não afinidade com cálculos, o que é exigido por outros tantos cursos de nível superior de maior prestígio social.

Entretanto, tais questões seriam insuficientes para abordar o problema das motivações de ingresso no curso superior em Ciências Sociais a partir do ponto de vista da Sociologia. Desse modo, comecei a pensar se certos aspectos da formação do período escolar na fase da infância e adolescência dos estudantes seriam fatores que pudessem explicar a opção futura de ingresso na universidade. O primeiro deles é a família, por ter participação importante no processo da escolha de carreira dos filhos, seja por exemplos de profissão dos pais, seja pela tentativa dos estudantes de superar as condições socioeconômicas da família, seja pela educação que os pais investem nos filhos, tanto dentro do ambiente doméstico, como nas instituições escolares em que matriculam seus filhos. Outro fator, que considero de grande importância é o aprendizado da Sociologia no ensino médio, por ser comumente o primeiro contato com as Ciências Sociais, tendo chances muito grandes de ser o principal fator para a opção do curso superior. E achei ainda, que seria relevante pensar também as perspectivas profissionais desses indivíduos antes de ingressar no curso, partindo do princípio de que quem ingressa no ensino superior almeja uma posição no mercado de trabalho. Além dessas especulações, é de se questionar motivações de ingresso numa área que não está no grupo dos cursos de grande prestígio na sociedade. Também ainda permanece a visão de que as Ciências Sociais estejam intrinsecamente ligadas ao partidarismo político de esquerda. Tais afirmações convidam à indagação do que podem ser as possíveis motivações e visões dos alunos e suas preocupações acerca de sua futura vida profissional.

Conhecendo quem entra no curso de Ciências Sociais e o porquê, também se tem a oportunidade de compreender as diversas atitudes dos indivíduos já na graduação. Em diálogo com docentes e também por percepção própria no dia-a-dia da universidade pude notar que os comportamentos diante das atividades acadêmicas são diversos e, consequentemente, curiosos. Nas aulas das disciplinas ofertadas pelos departamentos do Instituto de Ciências Sociais, há estudantes mais dedicados à leitura e às discussões pertinentes, enquanto outros não se manifestam ou não leem os textos previstos, quando não acontece o fato de sustentarem suas colocações em sala de aula apenas a partir de fatores outros, como a militância política ou quaisquer experiências pessoais. Nos eventos maiores promovidos pelos departamentos de Sociologia e Antropologia nem sempre se observa uma adesão numerosa por parte dos alunos de graduação, o que é curioso, pois é de se pensar que os assuntos tratados seriam de interesse dos estudantes. Existe ainda os casos de abandono do curso, ou ainda trancamento da matrícula na justificativa de se repensar a escolha feita. A abordagem de todo o trabalho oferece também algum entendimento dos motivos para situações como estas ocorrerem frequentemente.

Tendo em vista todo o problema exposto, o objetivo geral deste trabalho é investigar elementos da trajetória de alguns alunos entrevistados do curso de Ciências Sociais que possam explicar a sua adesão ao curso, levando em conta abordagens sociológicas que possam servir para tal reflexão. Ao detectar esses elementos, estão envolvidos os seguintes objetivos específicos:

- Perceber as diferentes formas que as famílias influenciam na definição da escolha do curso, tanto no investimento na educação e à cultura como na aceitação/incentivo à opção pelas Ciências Sociais;
- Investigar as experiências que os alunos tiveram no ensino médio com a disciplina de Sociologia, no que se refere ao conteúdo e à relação com os professores;
- Relacionar as perspectivas de futuro profissional dos alunos com a opção pelas Ciências Sociais;
- Apresentar a situação dos estudantes já na universidade, tendo em vista expectativas supridas ou frustradas, e detector possíveis mudanças nos desejos profissionais a partir da vivência do período da graduação;

Para obter as experiências dos indivíduos que são alvo desta pesquisa, me valho de diferentes recursos. Antes de tudo, recorro à minha experiência enquanto aluno do curso de Ciências Sociais, baseada no dia-a-dia da vida acadêmica, no contato com colegas de curso.

Essa condição primordial é a fonte das indagações deste trabalho e me permite expor impressões acerca de alguns temas que serão aqui abordados, usando também de vez em quando falas e depoimentos ouvidos pessoalmente sem o rigor estatístico na seleção de indivíduos. Além disso, a dimensão exploratória deste trabalho se vale de dois instrumentos que foram aplicados: questionários *on-line* e entrevistas semiestruturadas.

a) Questionários: estabelecidos os objetivos específicos da pesquisa, elaborei um questionário com questões abertas e fechadas que procuraram sondar alguns aspectos do perfil dos estudantes das Ciências Sociais, compreendendo basicamente a identificação socioeconômica, semestre que cursava no período em que respondeu ao questionário, formação e profissão dos pais, experiência com a Sociologia no ensino médio e expectativa profissional. O questionário[1] foi elaborado com a ferramenta Formulários Google e depois compartilhado no *Facebook* no grupo "Ciências Sociais – UnB 1º/2017", que agregava alunos matriculados nas habilitações das Ciências Sociais da UnB até o primeiro semestre de 2017. A escolha por esse veículo de aplicação do questionário se deve à facilidade com a qual encontraria alunos do curso disponíveis. Livremente os alunos poderiam responder às questões, uma vez que minha análise não possui pretensões estatísticas, o que por sua vez necessitaria de uma amostra precisamente calculada. Na primeira aplicação, responderam 22 pessoas, dos dias 1º de maio a 12 de junho de 2017. Nesse primeiro momento coletei informações apenas de calouros do primeiro semestre de 2017 a fim de testar o instrumento de pesquisa. Após alguns ajustes nas questões, lancei novamente o questionário no *Facebook* no início do segundo semestre letivo desse mesmo ano, sendo que o grupo desta vez se intitulava "Ciências Sociais - UnB 2º/2017", que já incluía calouros que ingressaram nesse mesmo semestre. Desta vez estendi a possibilidade de responder o questionário a todos os alunos da graduação que se disponibilizassem e que estivessem no grupo da rede social. Desta vez, foram respondidos 55 questionários, de 14 a 18 de agosto de 2017. Os resultados obtidos nessa etapa da pesquisa serviram para analisar os perfis dos alunos, a fim de que posteriormente alguns deles fossem selecionados para realização de entrevistas semiestruturadas que pudessem extrair elementos da trajetória até a graduação de maneira mais aprofundada.

b) Entrevistas: Para as entrevistas, foram selecionados cinco alunos. Foram enviados e-mails[2], para tais alunos, explicando a função dessa nova etapa e perguntando sobre a disponibilidade em participar. Se dispuseram a participar os seguintes estudantes:

[1] Modelo do questionário se encontra em apêndice, no final deste trabalho.

[2] Os endereços de e-mail dos alunos selecionados, como também dos outros que responderam ao questionário, foram fornecidos no ato de preenchimento do mesmo.

- S., 19 anos, sexo feminino, solteira, cor preta[3], fez ensino médio em escola pública, cursando o terceiro semestre[4]:
- J., 18 anos, sexo feminino, solteira, cor branca, fez ensino médio em escola particular (paga), cursando o primeiro semestre;
- L., 18 anos, sexo feminino, solteira, cor parda, fez ensino médio em escola pública, cursando o primeiro semestre;
- AG., 19 anos, sexo masculino, solteiro, cor parda, fez ensino médio em escola pública, cursando o terceiro semestre;
- AD., 18 anos, sexo masculino, solteiro, cor branca, fez ensino médio em escola particular (paga), cursando o primeiro semestre;

Os critérios para a seleção desses alunos se deu principalmente pela formação escolar dos pais, pois selecionando estudantes com pais de formação diferente seria melhor detectar questões relativas ao capital cultural familiar[5] na formação do indivíduo e, consequentemente, sua influência na opção pelo curso. A diversidade de perfis serve para o exercício de perceber diferenças e também possíveis semelhanças na trajetória até a chegada ao curso de Ciências Sociais, conforme objetiva esta pesquisa. Embora a base das reflexões sejam as informações prestadas pelos entrevistados selecionados que se dispuseram a participar da pesquisa, procuro desenvolver pensamentos que possam servir para a compreensão de ações e desempenhos mais gerais acerca dos alunos das Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Diante dos dados coletados e dos objetivos propostos, faço a divisão deste trabalho nos seguintes capítulos: no capítulo 1 apresento as discussões de Pierre Bourdieu acerca do *habitus* e do capital cultural, conceitos básicos que ajudam a refletir acerca das questões dos demais capítulos. Já no capítulo 2 procuro refletir acerca da influência da família na opção dos alunos pelo curso de Ciências Sociais, sob a luz da questão do capital cultural incorporado pelos indivíduos, e também sobre a aceitação dos pais quanto a essa escolha. No capítulo 3 trato do contato dos alunos com a Sociologia no ensino médio e das perspectivas profissionais dos estudantes depois da graduação. No capítulo 4 apresento o desenrolar dos primeiros momentos da graduação de alguns dos alunos entrevistados.

[3] Declaração segundo o IBGE.
[4] Preferi identificar os alunos pela inicial do primeiro nome, tendo em vista o sigilo de identificação e a retomada da fala dos estudantes em vários momentos deste trabalho.
[5] Embora não seja elemento único para averiguar o capital cultural familiar, o fator da formação dos pais dos estudantes foi a variável mais fácil de ser coletada nos questionários aplicados. Demais questões foram abordadas nas entrevistas.

CAPÍTULO 1 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DA TEORIA DE PIERRE BOURDIEU

A base teórica que escolho para o presente trabalho evoca Pierre Bourdieu, sociólogo francês, e suas discussões acerca do capital cultural. Assim, faz-se necessário a apresentação de alguns aspectos da teoria do autor que servirão para o trabalho que proponho. Uma pertinente introdução acerca dos assuntos aqui tratados é um comentário de Maria das Graças Setton em seu artigo *Um novo capital cultural: pré-disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade* (2005) que diz:

> Em síntese, Bourdieu alertou para as diferenças nas condições de acesso a uma cultura geral e, como decorrência, apontou para as condições diferenciadas de aquisição de uma cultura escolar. Em outras palavras, distinguiu dois tipos de aprendizado; de um lado, o aprendizado precoce e insensível, efetuado desde a primeira infância, no ambiente familiar, podendo ou não ser prolongado por um aprendizado escolar que o pressupõe e o complementa; de outro, o aprendizado tardio, metódico, adquirido fora da família, nas instituições de ensino ou em outras esferas informais da educação. (SETTON, 2005, p.79)

A finalidade deste trabalho não é a ênfase nas diferenças sociais, embora esse assunto esteja presente nas análises dos diversos perfis dos alunos entrevistados. A relação de questões acerca do capital cultural com a adesão pelas Ciências Sociais permite elaborar uma leitura das trajetórias no sentido de que, se não são as disposições do ambiente familiar, serão impressões, apreensões de conteúdos de disciplinas na escola, leituras ou contato com pessoas que de uma forma ou outra possam instruir os indivíduos, ajudando-os a tomar conhecimento das Ciências Sociais e despertar seu interesse em cursá-la no ensino superior.

1.1 - Habitus

Para o entendimento do que se trata o pensamento de Bourdieu é necessário levar em conta sua novidade metodológica nas Ciências Sociais:

> "[...] o autor elaborou uma teoria que se difere das demais vertentes investigativas de sua época, já que, influenciado pelo estruturalismo durante seus primeiros trabalhos, vindo a criticá-lo, posteriormente, Bourdieu passou a construir uma forma própria de

> investigação das relações entre o meio e os sujeitos, descrevendo-o como 'estruturalismo construtivista'." (BERTOLLETI; AZEVEDO, 2009. p. 307)

Bourdieu procura superar a noção das estruturas objetivas na sociedade que afetam o comportamento do indivíduo, levando também em consideração a história deste e seu cotidiano. Nesse sentido, descreve um sistema gerador de práticas, o *habitus* "que compreende um conjunto de competências e habilidades que são socialmente construídas pelos sujeitos durante sua trajetória social, independente de sua consciência." (BOURDIEU, 1972 apud. BERTOLLETI; AZEVEDO, 2009, p. 307-308). O *habitus* tem origem na família e se desenvolve segundo as experiências do sujeito na incorporação das influências externas:

> O *habitus* começa a ser formado desde o início da vida do sujeito, independente do meio social, considerando a bagagem cultural e os costumes que estão inseridos e que são transmitidos pela família e adquiridos pelos agentes. As incorporações do *habitus* por parte dos sujeitos passam a ser modificadas, transformadas e afirmadas durante toda sua trajetória social, independente de suas vontades e aspirações. (BERTOLLETI; AZEVEDO, 2009, p.308)

1.2 - O capital cultural

A trajetória do indivíduo vai se definindo na incorporação de elementos da influência externa. Tal disposição tem origens na infância e, via de regra, na convivência familiar, que contribui para a formação dos indivíduos em vários aspectos, e de forma particular no aspecto cultural. A incorporação desses elementos em maior ou em menor grau contribuirá para as diferentes trajetórias e futuras definições de sucesso escolar – a incorporação gradual leva à acumulação, daí a expressão "capital". A noção de capital cultural surge para dar explicações aos diferentes desempenhos na escola das crianças de diferentes classes sociais, relacionando sucesso a disposições próprias da classe (BOURDIEU, 2007b, p.73). Esse problema, percebido por Bourdieu no contexto francês e descrito em *A escola conservadora*[6], teve razão de ser explorado pelo fato da escola ao invés de promover a diminuição das desigualdades sociais, ao contrário as conservava. Mas o autor chama a atenção de que, mais que perceber essa realidade, é necessária a descrição dos mecanismos que eliminam os mais pobres. A sua

[6] Publicado originalmente em Paris em 1966 na *Revue Française de Sociologie.*

indicação é a transmissão da cultura no seio familiar:

> [...] cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. [...] A herança cultural [...] é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar, e consequentemente, pelas taxas de êxito. [...]" (BOURDIEU, 2007a, p.41-42)

As disposições familiares na transmissão de tantos valores intelectuais e comportamentais favorecem o êxito na escola, fato que comumente seria atribuído a um certo "dom". As diferenças entre as classes definirão as diferentes atitudes e a amplitude do capital cultural: enquanto os filhos de classe alta, além das vantagens escolares, adquirem gostos e saberes sofisticados, as crianças da classe média se esforçam, sob encorajamento da família, a terem bom êxito escolar, compensando a falta de certo capital cultural familiar com a perspectiva de ascensão social, e as crianças pobres devem demonstrar excepcionalidades que as ajudem a progredir nos estudos, se agarrando nas condições objetivas disponíveis na instituição. Vale recordar a percepção de Bourdieu de que as classes média e baixa, dadas essas limitações, não podem aspirar situações impossíveis, tendo em vista a realidade objetiva que lhes pesa. Os efeitos desse agravamento das diferenças repercutirá nas diferentes chances que cada classe tem de alcançar o ensino superior, cuja seleção é baseada nas condições culturais das elites, que consequentemente terão mais vantagens e número maior de ingresso. (BOURDIEU, 2007a)

1.3 - Os três estados do capital cultural

Interessa também ao presente trabalho o que Bourdieu discute acerca dos estados do capital cultural. Dadas as disposições sociais em que se percebe a presença e a força do que denomina de capital cultural, Pierre Bourdieu aponta seus estados, que estão descritas em *Os três estados do capital cultural*[7]: incorporado, objetivado e institucionalizado.

a) O estado incorporado: é o estado fundamental, ligado profundamente ao corpo, cuja acumulação inicial no e pelo indivíduo, inclusive de modo inconsciente, se dá pela

[7]Publicado originalmente em Paris em 1979 na *Actes de la recherche en sicences sociales.*

> assimilação de valores culturais enquanto se mantêm as relações sociais. Seu aspecto ideológico está na prática de sua transmissão, sobretudo na família, que se preocupa com o status (BOURDIEU, 2007b, p. 76).

b) O estado objetivado: "está contido em suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos, etc." (BOURDIEU, 2007b, p.77) Depende do capital incorporado para sua apreciação e apropriação simbólica além de uma posse somente física e econômica.

c) O estado institucionalizado: é a objetivação do capital cultural na forma do diploma (BOURDIEU, 2007b, p.78). Certifica a competência cultural e a institui na sociedade pela crença coletiva nessa certidão.

Estes elementos da reflexão bourdieusiana, mais precisamente as modalidades incorporada e institucionalizada do capital cultural, têm alguma relação com as reflexões deste trabalho acerca da incorporação de valores culturais na família e na escola, e à questão da própria busca pelo curso superior. É certo que todos os alunos no ensino superior dão importância de uma ou outra forma ao que cursam, e independentemente da relação que possuem com as disciplinas e com as exigências acadêmicas, o título recebido no fim do percurso da graduação lhes conferirá as credenciais para o exercício duma profissão. Mas, para chegarem até esse momento, passam por muitos contextos formativos em que valores são apresentados e incorporados, e desencadearão em escolhas, como o curso superior e a vida profissional futura. A seguir, abordo a questão da relação com familiares na formação cultural inicial dos estudantes entrevistados bem como sua influência no período de opção pelo curso das Ciências Sociais, analisando os diferentes perfis e apontando algumas semelhanças quanto a essas etapas das trajetórias dos estudantes.

CAPÍTULO 2 - A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES

Uma das maiores necessidades de se recorrer ao uso de entrevistas nesta pesquisa se deve à questão da relação entre família e escolha do curso, uma vez que observando somente as respostas dos questionários, nem sempre a questão da influência familiar na escolha pelo curso pode ser apreendida de forma clara. Suponho que isso ocorreu pela não compreensão de alguns inquiridos quanto à pergunta proposta, sendo possível que a influência familiar fosse entendida somente como uma ação imediata, de simples incentivo ou não de se fazer o curso. Quanto às abordagens deste presente capítulo, parto das reflexões de Bourdieu acerca da transmissão do capital cultural por parte da família, acreditando que seja conveniente investigar formas com que familiares de estudantes das Ciências Sociais contribuíram para o ingresso no curso, primeiro na formação inicial na infância e depois na aceitação e incentivo na escolha pelo curso.

Nos questionários aplicados pela *internet* busquei dados referentes à escolaridade dos pais, à profissão, renda total familiar no período de ingresso no curso e a relação da família dos alunos com a opção pelo curso com a seguinte pergunta: "Você acredita que de alguma forma sua família, ou familiares específicos tenham influenciado na sua escolha pelo curso de Ciências Sociais? De que forma?". Tais questões me ajudaram a sondar perfis diversos que me ajudariam posteriormente a selecionar alunos para as entrevistas, para as quais tomei uma parte de alunos cujos pais possuíssem formação escolar alta e outra parte cujos pais tinham formação escolar média-baixa para encontrar diferenças ou até mesmo possíveis pontos em comum nos determinantes da escolha pelo mesmo curso superior. Os dados provenientes do questionário informaram: dos 78 alunos que responderam o questionário, 34 (44%) tinham mães com superior completo, 17 (21,5%) tinham ensino médio completo, 3 (3,8%) com apenas o fundamental completo, e 8 (10,3%) com ensino fundamental incompleto.[8] Quanto aos pais, 24 (30,8%) alunos possuíam pais com ensino superior completo, 19 (24%) com ensino médio completo, 2 (2,5%) com apenas ensino fundamental completo e 13 (16,5%) com pais que apenas tinham o ensino fundamental incompleto. As respostas relativas à profissão dos pais apresentaram diferenças acentuadas: as mães ocupavam funções como cozinheira,

[8]Não estão aqui descritos dados referentes aos demais graus de escolaridade que foram respondidos, como pós-graduação *stricto* e *lato sensu*. Uma vez que este trabalho não possui pretensões estatísticas, o que é exposto numericamente visa apenas apontar para a diversidade na formação familiar dos alunos do curso.

trabalhadora doméstica, merendeira, pedagoga, auxiliar administrativo, professora universitária, engenheira civil; quanto aos pais, houve ocorrências de ocupações como padeiro, vigilante, taxista, advogado, militar da aeronáutica, engenheiro de software, etc.

A diversidade nos graus de formação e de profissão é bem evidente nessa primeira coleta de informações, porém nas entrevistas é que é possível perceber os modos como os diferentes perfis socioeconômicos das famílias podem ser responsáveis na formação dos estudantes. Para tanto, minhas perguntas nas entrevistas se referem primeiramente a fatores que cabem no que seria a transmissão de capital cultural pelos pais, mais precisamente no incentivo à leitura e estudos na infância/período escolar. Essa minha indagação está apoiada no pensamento de Bourdieu a respeito dos esforços que a família emprega na formação dos filhos, tendo em vista a manutenção ou o alcance da distinção social:

> A ação do privilégio cultural só é percebida, na maior parte das vezes, sob suas formas mais grosseiras, isto é, como recomendações ou relações, ajuda no trabalho escolar ou ensino suplementar, informação sobre o sistema de ensino e as perspectivas profissionais. (BOURDIEU, 2007a, p. 42)

2.1 - Incentivos à leitura e às artes

Dos entrevistados, dois alunos declararam atitudes mais concretas por parte dos pais na formação intelectual. Um deles é AG. cuja mãe é professora há 25 anos[9], com nível superior completo, na área de Filosofia e Sociologia, e seu pai ensino médio completo, motorista, sendo R$ 2 mil o valor da renda familiar total até antes de ingressar no curso[10], num domicílio de três pessoas:

> "Eu acho que principalmente minha mãe, porque ela fez o curso que <<inaudível>> várias graduações, uma delas é Filosofia e Sociologia e eu sempre me interessei por alguma dessas duas áreas. E como ((minha mãe me criou))[11], eu escutava muito ela

[9] Informações fornecidas nos questionários aplicados pela *internet*.

[10] Pelo questionário, não se sabe se os pais do entrevistado moravam juntos no momento de ingresso no curso, o que é improvável, pelo valor informado da renda familiar total.

[11] No corpo deste trabalho, para comentários referentes às entrevistas, uso os sinais (( )) para hipóteses do que se ouviu na transcrição, por conta de falha na audição, e os sinais << >> para marcar detalhes sonoros nas falas. Nas transcrições completas presentes nos apêndices, uso outros sinais, cujos significados são indicados em legenda.

> falando de algumas coisas que começaram a me interessar, ((neste)) momento, tanto das Ciências Sociais como da Filosofia. [...] Ela sempre me incentivou a ler. Eu acho que principalmente foi isso, mas ela nunca falou, por exemplo, que eu tinha que fazer Ciências Sociais ou fazer alguma coisa que ela mandasse. Então ela só dava a base e livros pra eu <<inaudível>> conhecimento [...] Livro de literatura, livros de estudos também [...]. E principalmente foi isso, a base que ela me dava e o que ela estava me instigando. Mas Sociologia assim mesmo, acho que foi no Ensino Médio que eu tive mais contato com o que realmente ((vai fazer no futuro, estudo e etc.)).” (AG. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 30 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “C” desta monografia])

O outro caso é de J.. Ambos os pais da aluna possuem nível superior completo, sendo que o pai exerce o cargo de Técnico Administrativo há 10 anos[12], e a renda familiar total era de R$ 8 mil líquido ao entrar na universidade, num domicílio de cinco pessoas.

> [...] na minha infância inteira eu li muito gibi. A gente tinha assinatura... [...] Eu e minha irmã fazia... tampava nossa sacada inteira com cobertor pra fazer uma cabana, colocava luzes lá dentro e era nossa cabana da leitura.[...] Passava tardes lá lendo. É... na escola também eu sempre gostei muito de ler. Meus pais sempre me engajaram muito na arte. Então quando tinha apresentação eu estava, quando tinha concurso de poesia eu estava, concurso de redação também... e aí eu sempre estava nessas coisas na escrita, na leitura. [...]. Eu que comprei meus livros - eles estavam lá também, mas eu que fui atrás dos livros, que eu comprava usado. Às vezes eu ficava o dia inteiro na escola: eu ia sozinha almoçar, voltava sozinha do almoço, e ficava lá, ia embora sozinha pra casa de ônibus pra poder ficar a tarde toda... Então foi uma coisa muito minha, mas não porque eles largaram... (J. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 29 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “C” desta monografia])

Esta mesma aluna atendeu precisamente à pergunta presente no questionário: “Você acredita que de alguma forma sua família, ou familiares específicos tenham influenciado na sua escolha pelo curso de Ciências Sociais? De que forma?” com a seguinte resposta:

> [...] meus pais e minha irmã sempre incentivaram brincadeiras com auto conhecimento, leitura e expressão artística, além disso sempre acreditaram no meu potencial e na minha autonomia, me apoiando nas minhas próprias escolhas, isso com certeza me ajudou a amadurecer e fazer a minha escolha de curso.

Os relatos desses dois alunos são os que mais expressam a ideia de transmissão de capital cultural dentre os entrevistados, nas “formas grosseiras” como Bourdieu apontaria –

[12] Nas respostas de J. ao questionário, foi respondido que sua mãe não exercia profissão no período do preenchimento e não foi possível coletar a informação de sua profissão anterior por conta das perguntas estabelecidas no questionário.

incentivo à leitura e às artes. Nas falas, observa-se que tais incentivos não dizem respeito a uma programação da futura carreira dos filhos, mas são elementos que de uma forma ou de outra têm peso na decisão dos estudantes pelas Ciências Sociais. No caso de AG., além de ser observado que a mãe sempre o incentivara a ler, o que ele escutou de sua mãe a respeito da Filosofia e da Sociologia lhe despertou certo interesse. Na fala da aluna J., embora alegue certa autonomia no exercício da leitura, é de se notar que existiu um ambiente favorável para isto tendo em vista dois fatores que ela pontua: o fato de haver assinatura de gibis, e o engajamento nas artes por estímulo dos pais. De acordo com os dados socioeconômicos fornecidos no questionário, não se trata de famílias com renda muito elevada, entretanto o fato dos pais de ambos incentivarem à leitura, e mais ainda no caso de J. o engajamento em atividades artísticas desde cedo, pode ser percebida como uma transmissão de capital cultural, baseado numa preocupação pela formação intelectual/cultural dos filhos.

O aluno AD. tem peculiaridades no seu relato devido à ausência de algumas informações e por sua entrevista ser mais sucinta. Declarou no questionário que sua mãe tinha curso superior completo e trabalhava há 20 anos em alguma área administrativa, mas sem mais informações, e pai com ensino médio completo, aposentado em área que não foi informada. Morava num domicílio com mais de quatro pessoas residentes e não informou qual era a renda total da família na época do ingresso no curso. Apesar da ausência de informações no âmbito socioeconômico familiar, estudou em escola particular paga. Não foi possível extrair informações precisas a respeito de certa transmissão de capital cultural na família, mas alegou que embora sua mãe o estimulasse à leitura, só a partir dos 11 anos é que começou esse hábito de forma mais livre. Não associou isto à sua opção pelas Ciências Sociais, mas a outros fatores que serão abordados mais adiante.

2.2 - O apoio discreto

Em meio às situações tratadas nesta pesquisa, nota-se que não é suficiente abordar a participação da família na decisão dos estudantes apenas no que diz respeito aos incrementos intelectuais e artísticos. No caso das alunas L. e S., nas entrevistas não foram expressas situações de investimento cultural mais direto como nas situações anteriores. A mãe de L. tem ensino médio completo e profissão não informada no questionário; pai com ensino fundamental incompleto, exercendo a profissão de mestre de obras; e a renda total familiar

antes de entrar no curso de R$ 3.600, num domicílio de cinco pessoas. S. não informou a escolaridade do pai como nenhuma outra informação a seu respeito; sua mãe possui ensino médio completo e é microempreendedora (não foi possível saber as dimensões de seu negócio); morava com mais duas pessoas ao ingressar no curso, com renda familiar de R$ 1.200. Trata-se de alunas oriundas de famílias relativamente pobres. Esse conjunto de dados, aliados às informações que foram possíveis ser coletadas na entrevista reafirmam a ideia de que o peso da influência familiar, ou mais precisamente, a percepção dos alunos quanto a esta influência na formação cultural/intelectual não é o mesmo para todos. Nos casos das alunas L. e S. a participação familiar se fez presente em suas trajetórias mais na questão de os pais ressaltarem a importância de estudar de forma geral, e não particularmente em incentivos diretos de leitura, atividades artísticas ou discussões de cunho intelectual. Os pais veem a importância dos estudos para uma boa colocação profissional dos filhos, de preferência diferente daqueles onde eles atuam, almejando uma estabilidade financeira (no caso do pai de L.), ou ainda respeitam a opção dos filhos por estar "fazendo o que gostam", satisfeitos pelos filhos estarem num curso superior (caso da mãe de S.). Na ausência de transmissão de capital cultural à semelhança das famílias anteriores, a capacidade dos pais em estimularem a formação dos filhos possui limites:

> [...] Ó, assim: meus pais, meu pai principalmente, ele só tem o Ensino Fundamental. Eles são do interior da Bahia. "São" aquela família que, quer que você tenha o que eles não tiveram, aquele ditado clássico. [...] Tipo, eu não tenho boa relação com minha mãe. Então ela joga muito na minha cara isso, que... Quando eu passei, nossa! Foi um balde de água fria. Ela falou que não devia ficar tão feliz, porque eu não passei para um curso muito importante... [...] Meu pai, ele... um pouco mais interessado. Ele pesquisou, falei pra ele e tal. Ele... eu acho que eles tem uma noção que é assim: o nosso curso dá para concurso. E meu pai pensa muito nisso, numa estabilidade, tipo, de concurso. Então ele ficou mais tranquilo. Começou a lidar melhor, sabe? Mas assim, eles sempre incentivaram muito o estudo. Independente do que fosse, sabe? (J. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 29 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

O detalhe no relato de S., por sua vez, está no fato de ser um dos primeiros membros da família a estar no curso superior:

> [...] eu sou a primeira pessoa da minha família a entrar numa Universidade Pública, eu sou a segunda a ter acesso ao Ensino Superior. Então tem muito aquela ideia de: "Ah, você estar na faculdade já é um grande avanço" [...] A minha mãe até hoje ela

> não entende muito bem o curso que eu faço. [...] Tanto que às vezes ela fala: "Ah, você dá aula de História, né?" Aí eu: "Não, eu dou aula de Sociologia, mãe". E tipo, para ela o fato de eu estar na Universidade já é muito relevante e o fato de eu estar fazendo uma coisa que eu gosto já é também muito positivo pra ela. Ela nunca me... ela nunca quis me colocar em ((um curso)), não![...] (S. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 05 jun. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

2.3 - Preocupação e aceitação dos pais

Os relatos das alunas acima já puxam para outra questão referente à participação da família nos direcionamentos da formação dos filhos que é a aceitação da escolha dos estudantes pelo curso de Ciências Sociais. É de se esperar que toda a educação e suporte dados pela família ao longo da infância e adolescência dum indivíduo colabore nas decisões futuras no ensino superior e na profissão. Pode ser que os pais ponham demasiada expectativa numa carreira a se seguir, seja por tradição familiar, seja por rentabilidade, prestígio, etc., assim como é possível que não haja a priori definições nesse sentido, seja pela mentalidade dos pais em favorecer a liberdade de escolha dos filhos, ou ainda os casos em que nas condições socioeconômicas baixas não haja uma expectativa da possibilidade de se seguir carreiras prestigiosas, devidas inclusive ao desconhecimento do que o mercado de trabalho possa oferecer. A respeito disso, disseram os alunos AG. J. e AD.:

> Por parte da minha mãe foi bem tranquilo. Apesar de, por exemplo... tem tios distantes que não sabem nem o que é, mas a minha mãe já está basicamente no meio, ela entende super tranquilo. Mas sempre tem uns tios aleatórios que não sabem o que é ou falam que não vai ter emprego... (AG. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 30 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

> [...] eles sempre apoiaram tudo que eu falava, que eu queria fazer [...] Não importava: podia ser uma semana tipo uma coisa, na outra, outra . Eles olhavam [...] e falavam: "Não, se você acha que é isso então você vai ser boa nisso!"[...] Então eles sempre me deram muita firmeza nisso, isso desde pequena. E aí foi tranquilo também quando eu falei pra eles a minha opção. Eles ficaram meio assim... falaram: "Pô, já olhou o mercado de trabalho?" Eu falei: "É vou olhar." Eu não tinha olhado, e aí eles ficaram meio assim com isso sabe [...] Aquela preocupação. (J. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 29 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

> [...] quando eu falei Ciências Sociais eles nem sabiam o que era. Aí meu pai não gostou muito não. Porque era tipo: "Tá, o que você vai fazer com isso?", mas no final quem tem que aceitar sou eu, né? Aí eu vim de qualquer jeito, mas eles deixam eu fazer. (AD. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 25 set. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

Esses três últimos alunos mostraram que os pais tiveram uma atitude livre diante da escolha de seus filhos pelas Ciências Sociais. Entretanto os pais de J. e o pai de AD. num primeiro momento expressam preocupação a respeito da decisão dos filhos por não estar claro qual seria o mercado de trabalho possível depois do curso. O caso de AG. possui uma peculiaridade por sua mãe ser da área das Ciências Sociais e não ter expresso preocupação quanto à opção do filho, embora outros familiares expressem comentários a respeito do mercado de trabalho de forma negativa.

Percebe-se que a preocupação dos pais de J. e AD., assim como outros elementos narrados não só por eles, mas também por todos os outros entrevistados, indicam o fato comum de que não houve por parte dos pais imposição do que seria a carreira profissional dos filhos, mas pode ser associado com o que Bourdieu discorre sobre *ethos* da classe - a atitude em relação ao futuro, na interiorização objetiva deste (BOURDIEU, 2007, p.49). Nos casos relatados acima, a preocupação dos pais não envolve perspectiva de ascensão social, conforme a análise de Bourdieu a respeito da questão do *ethos*, mas envolve a garantia de uma formação que dê aos filhos alguma posição profissional futura razoável. O investimento em leituras por parte da mãe de AG. e também nas atividades artísticas pelos pais de L. podem ser entendidos como incrementos intelectuais/culturais que promovem de certa forma uma distinção social pelo conhecimento, baseado na importância que esses pais devem a isso, levando em conta suas formações em nível superior e domínio dos instrumentos que favorecem essa distinção. Estes fatos não são expressos nos casos de L. e S. cujos pais se preocupam a princípio, somente num bem estar econômico ou de satisfação pessoal das filhas, o que pode ser associado às condições de baixa renda e baixa escolaridade de seus familiares, logo, à ausência de domínio de instrumentos (hábito de leitura, artes, etc.).

É de se esperar que nem todas as famílias possuam condições semelhantes no investimento cultural do filho, assim como assinala Bourdieu em seus estudos, sendo possível tanto o simples incentivo às atividades escolares na esperança de ascensão social como também o estímulo desde cedo às artes e à leitura frequente. Os dados colhidos nas falas, associado ao perfil socioeconômico familiar, ajudam a perceber que as atitudes dos familiares estão relacionadas à formação escolar dos mesmos. Eles agem de acordo com seu capital cultural (como também do capital econômico), junto a sua consciência em formar os filhos. Entretanto, nos casos abordados, a família e suas atitudes não são determinantes da escolha posterior dos filhos pelas Ciências Sociais, o que torna necessário o fato de investigar os outros elementos que elenco neste trabalho.

CAPÍTULO 3 – AS MOTIVAÇÕES ALÉM DA FAMÍLIA: A ESCOLA E O FUTURO

É perceptível, mais ainda com o que fora explanado no capítulo anterior, que a família e suas atitudes não são determinantes da escolha posterior dos filhos pelas Ciências Sociais, o que torna necessário o fato de investigar o contato dos estudantes com a disciplina de Sociologia no ensino médio e a sua perspectiva profissional. O conceito da teoria bourdieusiana que pode ajudar nas reflexões do presente capítulo é o *habitus*, que compreende o desenrolar da história do sujeito, que constrói sua trajetória, num processo de adaptação e reação (SETTON, 2002, p.65). Uma vez que houve a incorporação inicial de valores da família e do início da vida escolar, a apresentação da Sociologia na escola e o mundo do trabalho são elementos possíveis de influenciarem na opção futura pelas Ciências Sociais no ensino superior.

3.1 - O contato com a Sociologia no ensino médio

O aprendizado da Sociologia no ensino médio é tópico de grande importância a ser analisado neste trabalho por ser, via de regra, o primeiro contato dos estudantes com as Ciências Sociais. É de se supor que entre diversos fatores, essa fase da formação dos atuais alunos da graduação tenha sido fundamental para sua opção. Convém notar que tal experiência se dá de diversas formas, segundo disposições pessoais no momento, a atuação do professor, os conteúdos ministrados, e também a oferta (ou não) da disciplina na escola. Vale constatar que, nos questionários aplicados via *internet*, 17 alunos nem tiveram a disciplina na grade curricular durante esse período. Apesar de algumas respostas no questionário afirmarem que não foi a disciplina no ensino médio o fator determinante para a opção pelo curso de Ciências Sociais, todos os indivíduos selecionados para a fase das entrevistas tiveram aulas de Sociologia no ensino médio e afirmaram que esse contato teve alguma importância na sua formação e decisão pelo curso superior, cada um a sua maneira.

3.1.1 - O desempenho do professor na disciplina

Grande parte dos alunos entrevistados atribui à atuação do professor de Sociologia o despertar do interesse pelas Ciências Sociais. AD. afirmou que o seu interesse pelo curso nasceu por esta causa. Sobre isso ele diz: “Eu acabei ganhando muita afinidade com a matéria e com o professor... Gostava muito dele. E era a matéria que eu mais me identificava.” (AD. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 30 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “C” desta monografia]). Também a aluna S., além de sua afinidade com as humanas, atribui sua escolha definitiva pelas Ciências Sociais ao desempenho do docente: “Segundo ano. Foi quando eu tive esse professor muito bom de Sociologia, então: ‘É isso mesmo que eu quero’.” (S. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 05 jun. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “C” desta monografia]). Esses alunos relataram de forma simples sua relação com os professores e à disciplina, ao contrário de outros dois entrevistados cujas experiências não foram tão estáveis assim. A seguir, o que J. disse a respeito de sua participação nas aulas, com o detalhe de que o mesmo professor lhe deu aula durante os três anos do ensino médio:

> [...] Tinha dia que eu gostava [...] eram aulas facultativas. Eram à tarde no contra turno e a galera sempre faltava... matavam muito. Não sei, às vezes eu ia, mas eu fui bastante. [...] O “rolê” era que tipo, às vezes o professor ele não... não ((conversava muito uma coisa que eu recebia)). Eu acho que talvez, não sei... [...] eu tinha uma birra com ele também muito forte, muito muito forte. Às vezes eu olhava pra cara dele eu só, nossa, pensava tanta coisa e eu não gostava dele, eu não gostava... acho que era dele mesmo e atrapalhava um pouco a aula. Mas quando eu sentava em casa pra ler um livro eu curtia muito... (J. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 29 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “C” desta monografia])

Esta aluna em outro momento da fala afirma que se interessou de fato pelas Ciências Sociais enquanto alternativa para sua formação superior por meio de uma coordenadora de sua escola que lhe sugeriu leituras que ajudaram na decisão. O que se infere de tudo isso é que em seu caso, a oferta das aulas não tiveram tanto peso. AG. teve uma experiência diferente de J., pois teve mais de um professor durante o ensino médio, sendo que só no primeiro ano foram vários por não haver professor contratado fixo da disciplina:

> [...] eu estudei em escola pública, então... mudava no primeiro ano porque não tinha professor ((contratado)) no primeiro ano. Então o primeiro contato foi meio conturbado, mas aí no final a professora continuou, mas ela só continuava falando

> de Karl Marx. Era basicamente o que a gente aprendia, tipo coisas bem básicas, tipo: "Quem é o pai da Sociologia? Quem é o mais importante da Sociologia? Quem é Karl Marx?". Foi isso que eu vi no primeiro ano. Aí tipo eu não goste... eu achei normal, sabe? Era uma matéria assim muito fácil de tirar 10, porque era só você sair decorando quem era quem... [...] No segundo ano o professor já era diferente e o professor [...] era amigo da minha mãe. E toda aula ele passava ou texto ou filme para gente ver e na aula seguinte discutir. Então a gente sempre tinha alguma coisa pra ler e assistir e na aula discutir. E aí foi um momento muito legal [...] No terceiro ano, o professor que eu disse que ele instigava a gente a fazer umas coisas, a gente viu muita coisa. Desde Auguste Comte até Durkheim, assim o básico, né. Mas a gente sempre pegava o básico e colocava no nosso dia-a-dia, alguma coisa assim. Por exemplo, ele passou um trabalho que a gente tinha que ver o estatuto da escola, uma coisa assim, e que a gente tinha que fazer um júri simulado sobre isso usando o que a gente tinha aprendido de vários autores. E era muito trabalho assim participativo. [Nós também fizemos trabalho de vídeo sobre invisibilidade] e eu acho que foi o que me instigou. (AG. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 30 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

O caso de AG., possui um diferencial no relato pois tratou das abordagens reflexivas da Sociologia durante o ensino médio, embora não tenha sido a questão decisiva para sua escolha pelas Ciências Sociais, conforme consta na entrevista.

3.1.2 - Fatores diversos

A situação de L. é peculiar entre os entrevistados quanto à experiência de ensino médio porque a motivação nesse momento por ingressar futuramente nas Ciências Sociais não se deu diretamente com a disciplina, mas na sua experiência enquanto diretora do grêmio estudantil:

> Eu acho que não foi nem escolher Ciências Sociais, assim, a princípio. Foi me apaixonar primeiro pela licenciatura. E aí depois eu fui olhando o que eu tinha mais afinidade. Aí eu fiquei... foi eliminando, tipo: eu pensava em Letras, aí depois eu pensei em Geografia, e fui tirando coisas que eu não iria me dar tão bem, sabe? E aí depois eu comecei a me envolver com o grêmio, o grêmio estudantil - eu era diretora do grêmio - e aí eu fui me envolvendo mais, assim, com essa área da educação. E aí eu pensei muito em Sociais por causa disso, porque era algo que eu ouvia, assim, dos meus professores, sabe? [...] E aí quando eu olhei as matérias, é.... eu achei super interessante, sabe? Assim, por mais que... eu acho que o mais complicado quando você entra, é que você vê que você sai do ensino médio sem base nenhuma... (L. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 24 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

Sua experiência, porém, não anulou seu contato com os professores de Sociologia, cujo incentivo a fez concretizar sua escolha pelo curso da graduação:

> Aí eu fiquei pensando nisso de mudar para História, ou manter em Sociais... Mas aí, eu tive professores muito bons, assim, de Sociologia durante o ensino médio. Então, eu tive um apoio muito grande dos meus professores de Sociologia. Acho que isso também me incentivou bastante, a ser uma professora *top* futuramente. (L. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 24 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

Diante do que fora possível extrair das entrevistas acerca desse tema, a questão do aprendizado da Sociologia no ensino médio por parte dos atuais alunos de Ciências Sociais não necessariamente significa o "estopim" para a decisão pelo curso, sendo muitas vezes apenas um elemento dentre uma série de situações que compõem a trajetória dos indivíduos, como foram os casos de AG., J. e L. Já o estudantes AD. e S. devem sua escolha definitiva à Sociologia no ensino médio, mais precisamente ao professor da disciplina. Sendo ou não o fator determinante para a opção futura pelo curso de Ciências Sociais na universidade, a atuação do docente na oferta da disciplina faz diferença na recepção por parte dos alunos. O ser "bom professor", capaz de promover a participação dos alunos, e mais ainda, a reflexão de aspectos do cotidiano, se mostra ser fator estimulante para o gosto pela ciência ensinada. Prova disso é que, pode ser que haja conteúdo sendo ensinado mas que não chama atenção de alunos, o que faz a aula ter a aparência de "normal" como disse AG. em um momento de seu relato – sem criatividade, na monotonia dum ensino tradicional. São diversas as formas com que professores ensinam, usam de instrumentos pedagógicos e se relacionam com os alunos, e também é diverso o processo de aprendizagem de estudantes no ensino médio e o discernimento de seus gostos e afinidades. Assim, seria conveniente a abordagem de um número maior dos alunos do curso de Ciências Sociais para investigar mais profundamente experiências da relação com a Sociologia no ensino médio, afim de que se pudesse enxergar tendências e excepcionalidades na questão do desempenho dos professores e como seu papel pode ter sido um fator importante (ou não) para opção dos estudantes feita pelo curso superior.

Ainda sobre o corrente assunto, ressalto que nos questionários aplicados via internet, diante da pergunta: "Que fatores no período do ensino médio tiveram influência na sua escolha pelo curso?[13]" houve respostas muito peculiares como: "Indecisão por outros cursos na área de humanas." "As péssimas aulas de matemática me afastaram das exatas." "A presença de autores revolucionários, uma visão crítica da sociedade, interesse pelos

[13] Percebi depois na minha análise que tal pergunta abriria espaço para respostas referentes não somente à disciplina de Sociologia ministrada no ensino médio, mas elementos inerentes ao curso dessa etapa como todo.

movimentos e política em geral". Fora isso, é possível ainda perceber por alguns relatos a questão da não consolidação da presença da Sociologia no ensino médio. Embora sua obrigatoriedade seja prevista pela lei nº 11.684 de 2 de junho de 2008 (BRASIL, 2008), a disciplina ainda é ministrada de forma heterogênea, dependente do estabelecimento de ensino e da localidade, ou ainda da própria atuação do docente em sala de aula pelo conteúdo apresentado e/ou pelos métodos pedagógicos.

3.2 - Perspectiva profissional

Junto à escolha do curso superior, geralmente partimos da hipótese de que haja o desejo ou expectativa de uma carreira profissional, a partir do curso escolhido. Essa mentalidade é fruto do pensamento moderno acerca do que seria um projeto de vida, dissociado da antiga perpetuação dos ofícios familiares (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011). Uma das indagações inerentes a esta pesquisa é conferir sobre o que os alunos pensam ao entrar no curso sobre a vida profissional que as Ciências Sociais oferecem. Sabe-se que, embora haja diferentes postos de atuação, o mercado de trabalho para esta área compreende, majoritariamente, a docência no ensino médio e a carreira acadêmica. Sobre esse aspecto, mais uma vez a análise dos dados indica particularidades para cada pessoa.

3.2.1 - O desejo de ser professora

Curiosamente, algumas entrevistadas alegaram que o princípio de todo o percurso para optarem por ingressar nas Ciências Sociais foi o desejo de serem professoras em algum momento:

> [...] eu primeiro queria ser professora, aí eu não dava nem um pouco bem com a área de exatas, então eu fui para área das humanas. Então, tipo, eu fiquei muito em dúvida sobre qual área das humanas eu poderia escolher, História, Geografia, Filosofia, e tipo, eu gostava muito de todos. Então eu escolhi Ciências Sociais por abarcar as Ciências Humanas num geral, por causa disso de ter um ponto de vista

> mais geral de todas. (S. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 05 jun. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

Também foi o caso de L., que afirmou possuir desde cedo familiaridade com a área da educação e consequentemente o magistério, aliado às suas afinidades pela área de humanas e intensificado pela sua experiência no grêmio estudantil, aspecto este que talvez seja o fator principal de sua concepção de educação enquanto trabalho de mudança na sociedade:

> [...] talvez até o final do curso eu descubra a real razão por ter escolhido Sociais. Mas é porque... não sei, você pensa em mudar o mundo e quando você pensa em mudar o mundo você pensa em Soc... na área da educação, e eu penso muito na Sociologia. Então eu acho que é por causa disso. (L. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 24 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

3.2.2 - Ainda indecisos

Quanto aos outros alunos entrevistados, percebe-se que, embora possuam trajetórias que desembocaram nas Ciências Sociais, não atribuem sua opção pelo curso primeiramente ao mercado de trabalho previsto. Responderam "não" à pergunta presente no questionário: "Você ingressou no curso por conta do mercado de trabalho na área?". J. nem havia ainda pesquisado sobre o mercado de trabalho em Ciências Sociais na época de sua opção, o que gerou certa preocupação por parte de seus pais. Entretanto disse já estar segura pela opção à habilitação em Antropologia. Em resposta no questionário quanto aos planos profissionais afirmou: "Trabalhar com projetos na área de línguas e suas culturas e a evolução da comunicação entre seres humanos, e futuramente como professora na área de Antropologia." No caso de AG., embora já esteja dentro da graduação, possui ainda dúvidas acerca de que rumos tomar, o que é muito comum para alunos que se encontram nos primeiros semestres do curso:

> [...] seria muito legal eu manter como um cientista social, só ((cientista)) social bacharel, como produzir material, estudo, pesquisas, essas coisas. Mas eu acho que é uma área muito acadêmica, mas se você quiser isso você tem que ficar na universidade, o que eu ainda estou me acostumando com a ideia, não sei se eu quero. E ser professor eu estou me interessando agora a ser professor de Ensino Médio, dar

> aula e etc., porque eu acho que eu também não tenho a pegada de dar aula com aluno. Mas é isso, é uma dúvida bem constante ainda mais cursando o terceiro semestre que você tem que escolher qual área, se é Antropologia, Ciências Sociais, bacharel... (AG. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 30 ago. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

Essa situação em especial leva a pensar se não se trata de peculiaridades referentes a determinados cursos de nível superior. Os dados coletados no presente estudo impossibilitam análises mais profundas a esse respeito, porém convidam a refletir se essa falta de clareza do futuro profissional após o término da graduação também esteja presente em outros cursos da área de humanas, por exemplo, cujo perfil é muito semelhante quanto a mercado de trabalho que, tirando atividades específicas de consultorias, visam praticamente à docência no ensino médio ou seguimento na carreira acadêmica. Apesar das reflexões acima, há situações difíceis inclusive de serem analisadas, como é o caso de AD., cuja fala não denota qualquer plano no que diz respeito à vida profissional, o que prova que muitas vezes a opção por um curso de nível superior não necessariamente se deve a perspectivas profissionais:

> D[14] - [...] Quando você decidiu entrar nas Ciências Sociais você já tinha em mente assim a perspectiva profissional? Sei lá, "no futuro quero ser professor, quer fazer mestrado", não "primeiro vou fazer o curso, depois vou ver o que eu vou fazer"?
>
> AD - Não ((sei)).
>
> D - Só veio?
>
> AD - Só vim <<risos>> Sério. Não sei o que eu tenho de perspectiva.
>
> D - Mas você já tem conhecimento mais ou menos do mercado de trabalho que você vai ter aqui fazendo Ciências Sociais?
>
> AD - Não.
>
> D - Não faz ideia? Sei lá...
>
> AD - Não.
>
> D - Nem pensa nisso ainda, né?
>
> AD - Nunca parei pra... (AD. Entrevista concedida a Danilo Farias Berberino. Brasília, 25 set. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "C" desta monografia])

Nota-se que as alunas S. e L. já tinham alguma perspectiva de futuro profissional – embora a princípio não associada com as Ciências Sociais. O perfil socioeconômico de ambas

[14] D = entrevistador; AD = entrevistado.

é parecido: pais de escolaridade até ensino médio completo, ambas de escola pública, renda total familiar de até quatro salários mínimos e cor declarada preta. É de se pensar se tais condições dessas alunas se associem ao desejo pela docência pelo fato de que em seus históricos não haja elementos que as condicionem a outras profissões, inclusive as de maior prestígio social. Mais importante ainda é observar que na fala de L. existe o aspecto do "desejo de mudança" do mundo, o que pode ser relacionado com a visão crítica que a Sociologia oferece a ela e seu trabalho no grêmio estudantil. Nos casos de J., AD., e AG., com pelo menos um dos pais tendo cursado o nível superior, e com J. e AD. tendo estudado em escola particular, pôde-se perceber uma não preocupação de imediato com mercado de trabalho. Com condições socioeconômicas mais favoráveis em relação à S. e L., é possível supor que não seja urgente para eles uma definição a priori da vida profissional.

3.3.3 - Atitudes comuns

Apesar desses dois perfis no conjunto dos relatos, é fato que a vida profissional nos tempos atuais, sobretudo no Brasil, esteja associada à formação em nível superior, muitas vezes inclusive sem clareza da função a ser desempenhada posteriormente. Nas minhas percepções a respeito de meus colegas de curso durante esse tempo da graduação é comum que a opção pelo curso não se deva a princípio por uma carreira profissional definida. Exemplos como os de alguns dos entrevistados, a respeito das dúvidas e da indecisão na graduação são muito comuns, sendo que tal questão é frequentemente discernida somente no desenrolar do curso, quando se vai tomando conhecimento mais claro daquilo que as Ciências Sociais podem oferecer, seja a docência no ensino médio, seja a academia. Acontece geralmente que, alunos que terminam a graduação optem pela pós-graduação como uma continuação natural do curso, às vezes associando essa situação à oportunidade de ter alguma remuneração com a bolsa que é oferecida, tendo em vista que seria difícil ter uma inserção imediata no mercado de trabalho de outra forma. Existem os que optam pela docência no ensino médio e não desejam progredir na vida acadêmica, por conveniência pessoal, também discernido durante o curso da graduação. Diante de todos esses dados, percebe-se que na atualidade, esperar de adolescentes que cursam o ensino médio uma definição pronta de que carreira seguir pode ser uma atitude um tanto exigente, pois para muitos, essa fase não carrega preocupações no sustento de família, pelo contrário, são amparados pela família em suas necessidades, e a decisão de que curso e/ou profissão seguir acontece em momentos marcados

por indefinições na vida do indivíduo, baseado apenas em impressões às vezes vagas dos cursos e das áreas de atuação.

CAPÍTULO 4 – O INÍCIO DO CURSO: EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS

Dadas as motivações do ingresso no curso de Ciências Sociais, convém observar como são dados os primeiros passos nesta nova etapa da vida dos estudantes. Após a experiência de ensino médio e ingresso no curso, a escolha dos estudantes vai criando consistência, vão sendo delineados perfis de alunos, e as ações e reações diante do espaço acadêmico vão sendo manifestas.

Mandei e-mails solicitando aos alunos entrevistados que contassem alguns detalhes de sua trajetória na graduação no segundo semestre de 2017, desde que foi realizada a entrevista até o fim do período de aulas. Entretanto só duas alunas deram retorno. Para nortear os relatos, usei as seguintes perguntas:

1. Como foi sua experiência acadêmica nesse último semestre? Teve bom proveito com as disciplinas e com os professores que as ministraram?
2. Permanece ou passou a participar de alguma atividade acadêmica (CA, empresa júnior, grupo de pesquisa) e isso tem ajudado de alguma forma nos seus desejos acadêmico-profissionais?
3. Participou de algum grande evento acadêmico (congresso, encontro, etc.)? Se sim, como o evento lhe foi significativo?
4. Seus desejos profissionais/acadêmicos ainda permanecem? Mudou alguma coisa desde quando fizemos a entrevista?

A seguir, as respostas das alunas L. e J.:

> 1) Meu primeiro semestre foi um baita desafio, em relação à carga de leitura principalmente. Foram quatro matérias introdutórias e acredito que a maior reclamação da minha turma foi Inteco, eu reprovei e muita gente também e na minha opinião o professor tem parcela de culpa mas me explicaram que na faculdade é assim, né? E das outras matérias tenho apenas elogio, por mais que algumas vezes falte suporte do professor por se tratar de alunos que são calouros. 2) Vivi no CA e conheci muita gente bacana. Não tenho o que reclamar dos meus veteranos. Pretendo entrar pro C*oletivo Afetadas* e também irei participar da comissão de recepção dos futuros calouros. E a boa relação com os veteranos te dá uma ideia muito massa da dimensão que é o curso, as diversas áreas para conhecer e etc. 3) Participei do ENECS e aproveitei também no sentido de conhecer gente de outros estados e suas vivências, por terem currículos bem diferentes do da UnB. E uma coisa que me fez muita falta foi saber da ANECS e isso foi combinado a mudar, a disponibilizar mais informações pros futuros calouros e melhorar o diálogo sobre coisas que vão além do currículo, mas que também fazem parte de CS. 4) Me apaixonei por Antropologia mais do que esperava e estou no limbo, hahahahahaha. Brincadeira, foi um semestre pra experimentar de tudo e fico com um pé mais atrás

> antes de afirmar com 100% de certeza que quero Sociologia (como antes) e acredito que nos próximos semestres eu me encontre, espero muito que isso aconteça. (L. Participação em entrevista para o TCC – Danilo [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <danilo.fb31@gmail.com> em 9 jan. 2018)

> 1) Foi meu primeiro semestre e terminei muito encantada com as matérias (Introdução à Antropologia e Sociologia especificamente). Me senti mais perto daquilo que queria quando escolhi Ciências Sociais, minhas aulas me impulsionaram muito a pensar e questionar, saía sempre das aulas com uma folha inteira cheia de ideias para projetos ou estudos que gostaria muito de colocar em prática algum dia! Meus professores foram ótimos!! Senti que eles tinham tantas coisas pra me passar que não cabiam em 2h de aula, aprendi muito! 2) Não me envolvi em nada dentro da Universidade porque saia da aula 12h e ia pro trabalho 13h, não acho que isso me desmotivou sabe, não ter nenhum contato com o curso fora das aulas, mas não duvido que ter experiências e vivências na área do curso seja algo extremamente motivador. 3) Não participei [de algum grande evento acadêmico]. 4) Acho que nessas férias dei uma desmotivada com o curso, questionei um pouco minha escolha, sempre fui muito apaixonada por audiovisual e andei tentando achar alguma ligação entre esses dois cursos, principalmente em áreas de trabalho. Acho que por não ter me envolvido com nada "dinâmico" no meu primeiro semestre tive a impressão de que o meu curso pode cair numa coisa cheia de leituras e pouca prática! Senti muita falta da atividade e da ação, de produzir algo em volta daquilo que estudei. Mas acho que consigo achar essa dinâmica dentro do curso e conciliar essa ansiedade em estar em movimento e criando sempre com as leituras, talvez sejam ótimos complementos, eu espero! (J. **Participação em entrevista para o TCC – Danilo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <danilo.fb31@gmail.com> em 9 jan. 2018)

Ambas as alunas concluíram o primeiro semestre da graduação, e apesar do curto espaço de tempo entre as entrevistas e o fim do período de aulas, os relatos mostram detalhes importantes da vivência do ensino superior. As alunas, ao descreverem o semestre, demonstraram que essa etapa de suas trajetórias ainda mantém uma ligação com seus desejos e expectativas do início do curso, o que é de se esperar de quem cursou apenas um semestre. Entretanto é necessário observar as peculiaridades de cada aluna e seu comportamento neste período.

L. menciona a grande carga de leitura, choque comum entre os calouros uma vez que antes disso não têm contato com textos de maior densidade a serem lidos em pouco tempo. Também ressalta a disciplina de Introdução à Economia, umas das que se apresentam mais difíceis de serem apreendidas na graduação no curso de Ciências Sociais, seja pelos conteúdos ou ainda pelo modo de regência dos professores, conforme a aluna alega. A mesma aluna deu continuidade à participação das atividades do centro acadêmico de Sociologia, o que fizera desde os primeiros momentos de seu ingresso no curso, aumentando seus contatos interpessoais, o que pode ter sido um dos motivadores do desejo de ingresso no Coletivo Afetadas, além de sua experiência antiga em grêmio estudantil e atividades que ela julga serem veículos de “mudança” social e política. Participou do Encontro Nacional dos Estudantes de Ciências Sociais, o que favoreceu mais uma vez contatos interpessoais e

amplitude de seu conhecimento acerca de agrupamentos relativos às Ciências Sociais. Quanto à escolha futura entre habilitações está em dúvida, porém demonstra alguma afinidade com as disciplinas introdutórias da Antropologia e da Sociologia.

J. foi consolidando sua afinidade com a Antropologia e com a Sociologia pelas disciplinas introdutórias, o que já tinha antes de seu ingresso no curso. Não pôde participar de eventos e atividades acadêmicas além da sala de aula por conta de seu trabalho. Sentiu alguma desmotivação por não perceber ainda atividades práticas relativas às leituras feitas porém acredita que em algum momento será possível.

Embora não tenha sido possível coletar informações dos demais alunos que participaram das entrevistas iniciais a respeito das motivações para ingresso no curso é possível perceber que toda uma construção de perfis antes do curso superior incide sobre este momento da trajetória dos alunos, e cada um vai se adequando à sua maneira. De modo geral e de forma muito compreensiva, o ingresso na vida acadêmica e seus primeiros momentos é acompanhada de estranhamentos devido ao novo ritmo antes não vivenciado, como o de leituras, por exemplo. O ponto ressaltado por L. a respeito da disciplina de Introdução à Economia nas dificuldades de apreensão dos conteúdos, possível comportamento do professor, e inclusive nas reprovações demonstram que o ingresso no ensino superior nem sempre é fluido. Apesar disso, outros aspectos contribuem para que projetos sejam construídos e gostos e afinidades sejam reforçados ou até mesmo criados, sejam nas disciplinas, nos grupos e associações de estudo, de projeto de pesquisa, de cunho político, etc. J., além de dar ênfase à afinidade com as disciplinas introdutórias, ressalta um momento de crise quanto à sua escolha por não suprir de imediato a questão de atividades mais práticas. Momentos de questionamento da escolha são comuns aos alunos do curso, sobretudo quanto à atuação prática dentro e fora do curso, mais ainda às oportunidades de trabalho. Todas essas questões levantadas mais uma vez ressaltam as particularidades dos alunos apesar do ambiente comum das Ciências Sociais e da Universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos de apenas cinco alunos do curso de Ciências Sociais puderam ajudar a perceber que a análise das trajetórias, com foco em algumas motivações específicas para a opção pelo curso, exige uma flexibilidade em buscar explicações no âmbito externo - das relações sociais, das estruturas e disposições vigentes na sociedade – e nas atitudes individuais de ação e reação ante tantas influências. Foi muito oportuno o auxílio do pensamento bourdieusiano que leva em conta esta dupla face da agência dos sujeitos em sua adequação ao mundo. Foi possível detectar, apesar de alguns limites na análise, o peso das questões de classe no processo de formação dos estudantes, sobretudo na transmissão de valores culturais aos filhos. Nas questões do aprendizado de Sociologia no ensino médio muito se destacou a atuação do docente enquanto fator importante no conhecimento e afinidade pelas Ciências Sociais, e as intenções acerca do mercado de trabalho depois do curso se mostraram incertas para alguns, ao contrário das alunas que sempre desejaram ser professoras. Os pontos abordados na análise serviram de norte para melhor reflexão sociológica acerca das trajetórias até o ingresso no curso, porém fizeram perceber que são possíveis e necessárias outras abordagens em cima das entrevistas, seja a partir de outros conceitos da teoria de Pierre Bourdieu, de outros autores das Ciências Sociais e da própria Psicologia, por tratar dum tema tão pertinente às questões da personalidade. Uma melhor visão do que diz respeito à individualidade das trajetórias é possível na leitura das transcrições das entrevistas. Todo o exercício realizado aponta para outras possíveis pesquisas que podem enriquecer o entendimento acerca das motivações do ingresso nas Ciências Sociais, nos cursos de Humanas e no ensino superior como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Elisa G.G.; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v.12, n.2, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000200008>. Acesso: ago. 2017.

BERTOLLETI, Vanessa A. AZEVEDO, Mário Luiz N. A sociologia de Pierre Bourdieu: Considerações acerca do conceito de *habitus*. **Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas,** vol. 14, n.2, p. 303-313, jul./dez. 2009. Disponível em: < periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/download/780/868> Acesso em: 26 jan. 2018.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATÂNI, Afrânio. (Org.) **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2007a. p. 39-64.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATÂNI, Afrânio. (Org.) **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2007b. p. 71-79.

BRASIL. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio, Brasília, jun. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm> Acesso em: set. 2017.

SETTON, Maria da Graça J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20, mai./ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005> Acesso em: 07 nov. 2017.

_____. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação & Sociedade,** vol.26, n.90, p.77-105, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n90/a04v2690.pdf.>Acesso em: 10 jan. 2018.

Bibliografia recomendada

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. Resenha de: ALVES, Rivello E. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais. **Sociedade e Estado**. v. 23, n.1, jan./abr. 2008.

JANOWSKI, Daniele Andrea. A teoria de Pierre Bourdieu: habitus, campo social e capital cultural. In: JORNADAS DE SOCIOLOGÍA DE LA UNLP, 8., 2014, Ensenada. **Anais**... 2014. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.4639/ev.4639.pdf>. Acesso em: ago. 2017.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, n.17, p.240-350, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a10n17.pdf> Acesso em: ago. 2017.

NEVES, Lúcia M. W.; PRONKO, Marcela A.; MENDONÇA, Sônia R. **Capital Cultural**. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/capcul.html> Acesso em: set. 2017.

NOGUEIRA, Cláudio Marques M. Escolha racional ou disposições incorporadas: diferentes referenciais teóricos na análise sociológica do processo de escolha dos estudos superiores. **Estudos de Sociologia.** v.2, n.18, 2012. Acesso em: <http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/66/52>. Acesso em: ago. 2017.

NOGUEIRA, Cláudio Marques M.; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, vol.23, n.78, p.15-35, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>. Acesso em: ago. 2017.

SANTOS, Adilson Pereira dos; CERQUEIRA, Eustáquio Amazonas de. Ensino Superior: trajetória histórica e políticas recentes. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 9, 2009, Florianópolis. **Anais**... Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT14092013162802.pdf> Acesso em: set. 2017

SOBROSA, Gênesis M. R. et al. Perspectivas de futuro profissional para jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.22, n.1, abr. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100017> Acesso em: out. 2017.

APÊNDICE A – Questionário aplicado via *Internet*

- Seu e-mail: _____
- Nome: _____
- Idade (anos): _____
- Cursa qual semestre?
  ( ) 1º ( ) 2º ( ) 3º ( ) 4º ( ) 5º ( ) 6º ( ) 7º ( ) 8º ( ) 9º( ) 10º ou mais
- Sexo:
  ( ) Masculino ( ) Feminino
- Estado Civil:
  ( ) Solteiro/a ( ) Casado/a ( ) Amasiado/a ( ) Divorciado/a;
  Separado/a ( ) Viúvo/a
- Cor/raça (segundo IBGE):
  ( ) Branca ( ) Preta ( ) Amarela ( ) Parda ( ) Indígena

Formação e relações familiares

- Qual sua renda familiar total ao ingressar na Universidade? (em Reais)

  _____
- Com quantas pessoas você morava antes de entrar na universidade? ( ) uma ( ) duas ( ) três ( ) quatro ( ) cinco ou mais
- Qual o grau de escolaridade de sua mãe/responsável do sexo feminino?
  ( ) Sem escolaridade ( ) Fundamental incompleto ( ) Fundamental completo ( ) Médio Incompleto ( ) Médio Completo ( ) Superior Incompleto
  ( ) Superior Completo ( ) Mestrado ( ) Doutorado
- Trabalha atualmente? Se sim, em qual profissão? _____
- Ela está nesta atual profissão há quanto tempo? _____
- Já é aposentada? Em qual profissão?_____
- Qual o grau de escolaridade de sua pai/responsável do sexo masculino?

( ) Sem escolaridade ( ) Fundamental incompleto ( ) Fundamental completo ( ) Médio Incompleto ( ) Médio Completo ( ) Superior Incompleto ( ) Superior Completo ( ) Mestrado ( ) Doutorado

- Trabalha atualmente? Se sim, em qual profissão? _____
- Ele está nesta atual profissão há quanto tempo? _____
- Já é aposentado? Em qual profissão?_____
- Tem algum familiar que cursou/cursa Ciências Sociais? ( ) Sim ( ) Não
- Você acredita que de alguma forma sua família, ou familiares específicos tenham influenciado na sua escolha pelo curso de Ciências Sociais? De que forma?

_____

Sociologia e ensino médio

- Você cursou o ensino médio em que tipo de escola?
  ( ) Escola pública ( ) Escola particular (paga) ( ) Escola particular (bolsista)
- Você cursou Sociologia no ensino médio? (incluso demais ciências previstas no currículo, como Antropologia e Ciência Política)
  ( ) Sim ( ) Não
- Se cursou, qual seu desempenho de forma geral na disciplina durante o ensino médio? ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Bom ( ) Ótimo
- Seu interesse em cursar Ciências Sociais surgiu durante o ensino médio? ( ) Sim ( ) Não
- Caso tenha marcado "sim", que fatores no período do ensino médio tiveram influência na sua escolha pelo curso? _____

_____

- Caso tenha marcado "não", o que você julga terem sido os fatores que te influenciaram na escolha do curso? _____

_____

Perspectivas

- Antes de ingressar no curso, qual seu nível de conhecimento a respeito do mercado de trabalho para formados em Ciências Sociais?
  ( ) Nenhum ( ) Pouco ( ) Muito
- Você ingressou no curso por conta das opções de trabalho na área?
  ( ) Sim ( ) Não
- Você tem planos profissionais após a conclusão do curso? ( ) Sim ( ) Não
- Se sim, quais planos?_____

APÊNDICE B – Termo de autorização para a entrevista

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ

Eu,_____, RG_____, autorizo DANILO FARIAS BERBERINO, RG 2471956 SSP-DF, aluno do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, a usar minha voz por meio de entrevista, que lhe servirá como parte da execução de seu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação do professor Eduardo Dimitrov, adjunto do mesmo departamento.

_____

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Brasília,_____de_____de 2017.

APÊNDICE C - Entrevistas

Legenda:

- Hipótese do que se ouviu: [ ]
- Comentário ao áudio: << >>
- Entrevistador - Danilo: **D**

<u>Entrevista – aluna S. – 05 de junho de 2017</u>

D – [A dinâmica que você] preencheu lá o questionário, faz parte um pouco do meu projeto de pesquisa, meu TCC. Vou pesquisar mais ou menos as influências diversas, assim, do ponto de vista sociológico, dos alunos que estão entrando no curso, por isso eu coloquei aquelas questões lá no questionário. E alguns eu tenho selecionado, dependendo do perfil, para fazer esta entrevista para eu tomar alguns dados mais aprofundados. <<inaudível>> se você quiser pontuar alguma coisa que eu não perguntar pode participar, viu? Sim. Grosso modo assim, de um modo geral, o que te levou a escolher as Ciências Sociais? O que você indica assim seria uma coisa principal, coisas acessórias também, qual foi o processo da sua escolha profissional-acadêmica mais ou menos?

S - No processo... eu primeiro queria ser professora, aí eu não dava nem um pouco bem com a área de exatas, então eu fui para área das Humanas. Então, tipo, eu fiquei muito em dúvida sobre qual área das humanas eu poderia escolher: História, Geografia, Filosofia. E tipo, eu gostava muito de todos. Então eu escolhi Ciências Sociais por abarcar as Ciências Humanas no geral, por causa disso de ter um ponto de vista mais geral de todas.

D - Você está em qual semestre já?

S - Estou no terceiro.

D - No terceiro, entrou no ano passado. Certo. Aí tá, de forma geral você escolheu Sociais, de uma forma abrangente. Isso você percebeu quando você estava fazendo as disciplinas do ensino médio? Te ajudou?

S - É, eu também fui influenciada por conta de um professor meu que, tipo, ele tinha... [propunha] muitos debates e eu gostava desse lado crítico que ele passava para a gente. Então por conta da criticidade isso também acabou influenciando um pouco também. Teve tanto o ponto de, tipo, eu gostar muito da área de humanas e como ser influenciada por ele também.

D - Aí no caso, ser professora foi norteador para você escolher humanas depois, né?

S - Uhum.

D - Questão familiar. Como sua família aceitou esse processo de modo geral? Tiveram influência, não tiveram? Aceitaram, concordaram, como é que foi?

S - Bom, é porque eu sou a primeira pessoa da minha família a entrar numa universidade pública, eu sou a segunda a ter acesso ao ensino superior. Então tem muito aquela ideia de: "Ah, você está na faculdade já é um grande avanço"...

D - É o que importa. <<risos>>

S - É o que importa. A minha mãe até hoje ela não entende muito bem o curso que eu faço. Tanto que...

D - Nem a minha. <<risos>>

S - Tanto que às vezes ela fala: "Ah, você dá aula de História, né?" Aí eu: "Não, eu dou aula de Sociologia, mãe". E tipo, pra ela o fato de eu estar na universidade já é muito relevante e o fato de estar fazendo uma coisa que eu gosto já também é muito positivo pra ela. Ela nunca me... ela nunca quis me colocar em [um curso], não: "A vida é sua você tem que fazer o que você acha que vai ser melhor para você". Então foi muito tranquilo com relação a isso. E ela

até falava: “Não, você tem realmente perfil de professora, então se o curso vai te proporcionar isso, vá em frente”. Tive todo apoio.

D - Sua disposição para humanas, de onde surgiu? Porque você simplesmente não gosta de exatas e foi pra humanas ou porque você já tem simpatia por humanas? Como é que é mais ou menos?

S - Foi um pouco dos dois. Porque desde pequena eu nunca tive facilidade com exatas, eu gostava muito de ler. Então... tanto que a minha parte de escrita ela é razoavelmente boa. Então, quando eu vi que tipo, mais ou menos na sétima, oitava série que eu tive mais contato com matéria tipo de História, Geografia e tal que eu vi que tipo: “Ah, pra eu entender esse conteúdo basta que eu tipo... leia, então eu gosto de ler, então vai ser um pouco mais tranquilo para mim”. E eu comecei a gostar [das outras] matérias. Então é por conta que eu gosto de ler. Então foi consequência.

D- Desde nova você tem hábito de leitura? Como é que é?

S - Tenho. Tenho. Porque tipo eu não era... era vista como burra na escola, porque eu não era boa em exatas. Então eu tinha que ser boa em outra coisa. Então eu comecei a ler, porque eu era muito na minha. Então meio que... quando eu passava muito tempo sozinha eu lia muito, então essa parte de eu ler muito me favoreceu na escrita e tudo mais. E foi mais isso, tipo, foi consequência da leitura mesmo.

D - Entendi. Quando é que ficou claro para você Ciências Sociais, assim? No ensino médio, no decorrer do ensino médio gerou alguma dúvida entre o que você deveria escolher?

S - Segundo ano. Foi quando eu tive esse professor muito bom de Sociologia, então: “É isso mesmo que eu quero”.

D - Vá em frente então <<risos>>. Perspectiva de trabalho no terceiro semestre aqui, você já vislumbra, já sabe o que é, não sabe...?

S - Cara, eu fico um pouco receosa com relação ao mercado de trabalho por conta da reforma do Ensino Médio. Aí tipo, eu realmente entrei nas Ciências Sociais pensando: "Não, vou fazer licenciatura, vou pegar o bacharel para ter uma habilitação a mais, mas tipo focada na licenciatura", aí essa PEC meio que acabou um pouco com a minha perspectiva. <<risos>>

D - Todo mundo. <<risos>>

S - Aí, acabou um pouco minha perspectiva. Mas aí depois eu entrei para a Socius[15]e também vi esse lado mais de pesquisa. Então eu também estou me interessando. Então, tipo, eu gostaria atuar mais em sala de aula se o governo deixar e também em algum órgão de pesquisa também me interessa muito.

D - Até agora, do você está vivenciando aqui do curso, tem surpreendido, está sendo bom, algumas frustações, está dando para acompanhar...?

S - É, tem algumas frustações no sentido de que eu achava por conta de... Ciências Sociais fosse um curso mais, não sei, descontruído, eu achava que isso também estaria presente na forma como os professores ensinam. Então tipo, eu acho que é muito vergonhoso para um professor do departamento de Ciências Sociais ter aquele modelo retrógrado de educação, sabe? Tipo: "Ah, está medindo sua inteligência por uma prova, está medindo sua inteligência de uma forma padronizada". Eu não sei, nesse ponto de vista me frustrou muito. E com relação à licenciatura eu acho que a gente não... eu esperava ter um contato maior com local onde atuaria, tipo tem matéria no final do semestre onde a gente tem realmente a prática assim. E as ofertas de vagas para Pibid são muito escassas, então eu acho que é uma defasagem muito grande com relação a isso.

D - As leituras, está acompanhando?

S - Carga de leitura é muito grande. <<risos>> É que nem eu, eu adoro ler, mas tipo, cara, não dou conta de ler isso tudo não, é muito pesado. A carga de leitura acho muito densa e acho que... [não é nem] a quantidade de páginas que eles passam, porque realmente são leituras

[15] Empresa Júnior do curso de Ciências Sociais da Universidade de Brasília

muito profundas. Então, querendo ou não demanda muito mais tempo e tipo eu me perco às vezes no raciocínio e tem que voltar um texto todinho <<inaudível>> complicado.

D - Isso acontece com todo mundo <<risos>>. Isso é o "mal" das Ciências Sociais de forma geral. Não, <<nome da entrevistada>>, o mais é isso. Mais um esclarecimento, aprofundamento daquilo que eu tinha colocado nos questionários. Eu estou <<inaudível>> nessa luta, <<inaudível>> meu TCC. Se Deus quiser, vai dar tudo certo. <<risos>> Obrigado, viu, pela sua disposição. Qualquer coisa, qualquer dúvida tem meu e-mail aí.

Entrevista – aluna L. – 24 de agosto de 2017

D – Gravando! Então vamos ao que interessa. Se você precisar interromper você pode me falar, viu?

L - Não, tá tranquilo!

D- <<Nome da entrevistada>> está no primeiro semestre, não é?

L - Isso!

D- De modo geral, o que você considera que foi o fator principal para você escolher Ciências Sociais?

L- Eu acho que não foi nem escolher Ciências Sociais, assim, a princípio. Foi me apaixonar primeiro pela licenciatura. E aí depois eu fui olhando o que eu tinha mais afinidade. Aí eu fiquei... foi eliminando, tipo: eu pensava em Letras, aí depois eu pensei em Geografia, e fui tirando coisas que eu não iria me dar tão bem, sabe? E aí depois eu comecei a me envolver com o grêmio, o grêmio estudantil - eu era diretora do grêmio - e aí eu fui me envolvendo mais, assim, com essa área da educação. E aí eu pensei muito em Sociais por causa disso, porque era algo eu ouvia, assim, dos meus professores, sabe? [Isso aí é bacana]. E aí quando eu olhei as matérias, é... eu achei super interessante, sabe? Assim, por mais que... eu acho que o mais complicado quando você entra, é que você vê que você sai do ensino médio sem base nenhuma...

D - As matérias que você fala é daqui da graduação, né?

L – Isso!

D - Entendi.

L – Então, eu não sei, se fosse... todo mundo... [A gente uma vez sentou] né, sobre os calouros, foi conversar se era o que realmente a gente queria... Se fosse, assim, por afinidade, tipo: "Ah, vou escolher o que eu tenho uma carga de conhecimento maior, ao longo do ensino médio" eu teria ido para a História. Mas não sei, talvez até o final do curso eu descubra a real razão por ter escolhido Sociais. Mas é porque... não sei, você pensa em mudar o mundo e quando você pensa em mudar o mundo você pensa em Soc... na área da educação, e eu penso muito na Sociologia. Então eu acho que é por causa disso.

D - Então o princípio de tudo foi você fazer licenciatura, ser professora.

L - Isso, exato!

D - Aí...

L - Aí eu fui olhando, porque assim, eu não ia para a área de Exatas nunca! Fora de cogitação! Jamais! Não sei contar além do dez fora do dedinho. Não sei! E aí eu fui pensando nas matérias que eu tinha afinidade, e tal. Daí assim, depois do vestibular eu fiquei muita na louca entre... porque tem a opção de mudar agora, né? Aí eu fiquei pensando nisso de mudar para História, ou manter em Sociais... Mas aí, eu tive professores muito bons, assim, de Sociologia durante o ensino médio. Então, eu tive um apoio muito grande dos meus professores de Sociologia. Acho que isso também me incentivou bastante, a ser uma professora *top* futuramente.

D - Se espelhou nos professores de Sociologia...

L - Exato.

D - Isso é bom, faz diferença. Isso tem importância na minha pesquisa. Estou pesquisando também essa parte do ensino médio, o contato que <<voz da entrevistada cobriu>> da Sociologia.

L - Porque quando você entra aqui - não querendo falar mal, mas já falando, sem citar nomes... Velho! Sempre... aqui tem professor, tipo, piora... tende a piorar, tipo, nível... Teve nossa aula trote, de ISOL, e aí, claro, <<inaudível>> super machista, super... tudo, sabe? Ele

foi bem ruim. Ele falou que iria cobrar uniforme na nota, cobrar que a gente lesse livros no idioma oficial do livro... Passou Marx, em sei lá que língua era aquela.

D - Isso na aula trote, não é?

L - Isso! Só que tipo assim...

D – <<inaudível>> assustada...

L – É! Só que a gente tem noção é que vão ter professores assim. Talvez não cobrando a literatura, sei lá, pra ler em inglês, em francês, mas que vai ser dessa forma escrota, sabe? E no primeiro semestre mesmo eu tenho dois professores... nossa! Fantásticos! <<tom de ironia>> Fantásticos! Incríveis! Eu venho pra aula assim: uhul! Só que não, mas...

D - Sem citar nomes...

L - Sem citar nomes, óbvio. Jamais citarei nomes...

D - Entendi. Beleza! Que bom! Você já disse tanta coisa que não vou precisar fazer tanta pergunta assim.

L - Ah, eu falo muito. Se quiser a gente pode ficar aqui ó, até a hora do HH[16] <<em seguida a entrevistada faz comentários a respeito do evento>>

D - Entendi. Você falou que você não tem afinidade alguma com exatas. Como foi sua experiência na escola: exatas *versus* humanas?

L - Não, é porque... não sei...

D - Como é que foi <<inaudível>>?

L - Eu sou muito boa em exatas, mas, eu não tive... Cara, assim: eu tenho boa relação com meus professores do ensino fundamental até hoje. Quando eu passei eu ganhei essa bolsa de presente da minha professora da minha quinta série.

D - Olha aí...

L - Então assim... eu tenho um contato muito bom com eles. Só que eu estudava na cidade onde eu moro - eu moro na Candangolândia. E no ensino médio fui para a Asa Sul. As escolas

[16] *Happy Hour*.

do Plano Piloto são... uma didática completamente diferente. Porque, eu já estava focando mais no vestibular, e tal. E aí quando você vem para o Plano Piloto você tem um choque, assim... você parece que não sabe nada. Os professores de exatas que você vai ter ao longo do seu ensino médio são completamente diferente de tudo de exatas que você já viu. Mas eu acho que isso é um problema não só de lá, de onde eu estudava: disso dos professores que... os professores querendo ou não ou incentiva ou desmotiva, né? Não tem outra coisa. Eu acho que é um problema dos professores de Exatas no geral, principalmente os mais velhos. A minha escola, onde eu estudei, tinha quase trinta anos. Tinha professor que estava lá desde o segundo ano da escola. Então, tipo assim, eles vão se aposentar lá, e eles... acaba que vão ficando muito acomodados. O professor de Química, ele era... adorava praticar um famoso assédio com todas, entende? E, tipo assim, a minha irmã saiu de lá - a minha irmã já tá se formando em Direito, Direito é um curso muito extenso - ela estudou onde eu estudava, e o professor fazia isso na época dela, fez na minha e vai fazer na, sei lá...

D - Vai continuar.

L – É! Exato! Porque também a secretaria[17] nunca fez nada. A gente se organizava. O *Coletivo Afetadas* de Sociais foi na escola - porque tem muita gente de Sociais que era da minha escola, que eu estudava no Setor Oeste... Eu acho que é mais esse problema. Não é nem das exatas em si. Porque, eu sempre pensei em licenciatura. Para quê que eu vou atrás de Exatas se eu só tenho professor meio... <<feição de repulsa>> sabe? Não era uma motivação, assim. O máximo que eu pensava era em Biologia, que era o único professor de Exatas massa. Acho que outra coisa também, a maioria dos professores de Exatas são homens... isso é uma coisa assim, ao longo do meu ensino médio, foi o que eu vi. E aí vai <<inaudível>> uma somatória de fatores que... você vê aquele professor que está há mil anos na escola, que faz merda todo ano, que piora a merda a cada ano que passa, mas ele não sai de lá. Que ele é concursado e quem <<inaudível>> concurso acomoda, não é? Para sempre.

D - No caso o seu fundamental você fez na Candangolândia, o médio aqui?

L - Isso!

D - Na Asa Sul...

L - Na 912.

[17] Secretaria de Educação

D - Sim. No seu tempo escolar, ensino fundamental, tanto no médio, você tinha familiaridade com leitura?

L - Tinha!

D - Sempre... você acha que isso ajudou de certa forma você enveredar por esses caminhos aí das humanas ou não, ou nem tanto?

L - Sim, sim... não sei... não sei... É porque, eu nunca fui assim... Eu acho que me vi mais como humanas quando eu entrei no ensino médio, pela minha participação nos projetos, nem tanto por causa das matérias, sabe? Tipo: ah, eu não sou louca por Física, mas também não odeio Física. Eu acho uma matéria interessante: Física, Química, Matemática, sabe? Porque, velho, tem uma certa utilidade, óbvio. Não podemos negar. Mas assim, eu acho que foi mais... a minha relação com meus professores de Humanas - de Códigos, de Letras - e também os projetos: eu era diretora social... então assim, não dá pra ser diretora social e falar, sei lá, fazer um projeto de Matemática. Não vai rolar, sabe? Eu acho que foi mais meu contato com a escola, do que... tem gente que já entra muito mais dividido, não é? Tipo assim: "Ai, eu tenho pavor a Exatas, Deus me livre."

D - Não quero saber...

L - Exato. Eu não, eu sempre me dei assim... bem. <<inaudível>> olhar meu boletim... Talvez um nove lá em Humanas, talvez um seis em Exatas. Mas entendi a matéria. Era o necessário. <<risos>>

D – "Tá" valendo...

L – "Tá" valendo, "tava" ótimo. Talvez eu vou pegar um MM[18] com Inteco? Talvez. Mas a gente só precisa passar naquela matéria do cão. Sou ruim, meu Deus do céu...

D - Tem que estudar, não tem jeito...

L – Não... mas eu estudei tanto. Aí você chega lá... ele cobrou apenas a primeira aula. Eu não fui à primeira aula.

D - Sério?

L - Super sério!

[18] Menção média na Universidade de Brasília. Equivale ao intervalo de 5,0 a 6,9 pontos.

D – <<inaudível>>

L – Não... a monitoria foi fantástica. Só que quem faz, pelo menos a minha, até alguns monitores fazem as provas, não é? O meu é o professor que faz...

D – Ah!

L – E ele é massa! Orra! Massa! Massa! Ele é muito massa. Tipo assim, fantástico! <<ironia>> A aula dele é falar mal do PT...

D - É mesmo?

L - É. Ele é bem de esquer... ou, de direita, bem contra a esquerda. Total! Ele chama o PT de corja. Quando ele começa a falar da corja, é do PT. E é bem mal <<inaudível>>.

D - Sem citar nomes, que não convém.

L - É, não convém! Não convém à pesquisa. Mas eu acho que... me falaram que é uma coisa do Departamento de Economia em si, não é? Eu fiquei sabendo disso, eu fiquei bem decepcionada, porque, eu não sei como é que vai ser essa mudança no currículo que vai ter, mas eu acredito que ainda vai manter muitas matérias, que são três, não é? De Economia.

D - Três! Inteco, HEG e FEB.

L - E ainda tem Estatística, não é? Olha que coisa fantástica!

D - Coragem! Vai dar tudo certo! Mas já que você não odeia tanto Exatas...

L - É, não é um problema. Mas o lance do professor sempre... implica muito.

D - Nossa, dificulta muito!

L - Porque você já vai... A minha aula com ele é mexer no celular e falar com os meninos de Engenharia Mecânica, que "tão" pegando Inteco, no último semestre como matéria obrigatória. Então assim, eu penso que eu podia estar mais na merda, mas, tranquilo comparada com eles.

D - Quando a gente vê a situação do outro a gente fica mais...

L – Exatamente! Fica mais tranquilo.

D - Família...

L - Péssima.

D – Influência familiar na sua escolha de curso, perspectiva profissional, etc. Como se deu, como foi, como está sendo...?

L - A pergunta é ótima, velho. Ó, assim: meus pais, meu pai principalmente, ele só tem o ensino fundamental. Eles são do interior da Bahia. São aquela família que, quer que você tenha o que eles não tiveram, aquele ditado clássico. Aí, o que acontece: meu pai sempre incentivou muito que a gente estudasse. Mas minha irmã faz Direito. Então, eu fazendo Sociais, minha irmã fazendo Direito... assim, vamos ver e <<inaudível>> numa balança aí. E assim, no início queria muito fazer Medicina, muito mesmo. É... Graças a Deus saí desse caminho, mas - vamos glorificar de pé - só que aí minha família não lida muito bem não. Tipo, eu não tenho boa relação com minha mãe. Então ela joga muito na minha cara isso, que... Quando eu passei, nossa! Foi um balde de água fria. Ela falou que não devia ficar tão feliz, porque eu não passei para um curso muito importante...

D - Mas seus pais entendem o que você faz aqui nas Sociais, sei lá, tem uma coisa mais preconceituosa, mais senso comum...?

L - É... de achar que, tipo assim, Sociais é curso pra vender arte na praia, sabe?

D – <<risos>> Carrega o estereótipo.

L - É...

D - Entendi.

L - Mas meu pai não. Meu pai, ele... um pouco mais interessado. Ele pesquisou, falei pra ele e tal. Ele... eu acho que eles tem uma noção que é assim: o nosso curso dá para concurso. E meu pai pensa muito nisso, numa estabilidade, tipo, de concurso. Então ele ficou mais tranquilo. Começou a lidar melhor, sabe? Mas assim, eles sempre incentivaram muito o estudo. Independente do que fosse, sabe?

D - De que forma? Só mais aquilo de incentivar: "Estuda menina!"?

<<entrevista interrompida por uma colega da entrevistada que chegou no momento>>

D - Voltando... Você falou que teve um incentivo familiar para o estudo. Como assim? De chegar de incentivar a ler de fato, assim, sei lá: "Toma aqui, lê", ou aquela coisa tipo assim: "Estuda menina, pra você crescer na vida", etc.?

L - Não, é... durante o ensino fundamental era mais presente. Mas eu me tornei mais independente. Comecei a bater de frente muito com meus pais, então eles deram uma afastada. Mas eles sempre ficaram no pé. Assim, no pé não de forma negativa, de forma, tipo de incentivar mesmo, sabe? De saber a importância de estudar e tal. E, até porque como minha irmã é mais velha do que eu - minha irmã já está se formando em Direito - então, eu sempre vi onde ela estava, e eu queria ter essa experiência também, sabe? Por mais que no início você não pense em UnB - óbvio, porque você é pequeno - mas assim, quando você vai para o ensino médio, ainda mais aqui no Plano, sua cabeça explode, né? Você tem o contato com milhões de coisas <<inaudível>>. O que é a UnB? A UnB é linda. Aí você vem na UnB um dia...

D - Essa coisa massa...

L - É! Exato! Isso! <<inaudível>> "topíssima"! Aí você fica deslumbrado e quer estudar aqui. E é isso! E você não quer sair nunca mais, porque depois que sair não tem emprego, então fica difícil. Brincadeira. Vai ter sim. Vai melhorar.

D - Tem que ter, gente.

L - Vai melhorar.

D - Vamos pensar positivo, que vai dar certo.

L - Não é possível que a educação vá piorar gente. Não é possível.

D - Pode não.

L - Se piorar vai piorar pra onde? Não é mesmo?

D - Boa pergunta!

<<risos>>

L - Será que tem como?

Entrevista – aluna J. – 29 de agosto de 2017

D - <<nome da entrevistada>>, então... eu observei de novo lá suas questões. Eu achei bem interessante, dentre os perfis que vi, dos que podem servir para a minha analise. Vou começar com a pergunta bem "geralzona" assim... Quais foram as motivações ou se tem alguma principal motivação que fez escolher Ciências Sociais? Para você estar aqui hoje... Primeiro semestre, não é, que você está?

J - Primeiro.

D - Muito bem.

J - Eu estou aqui hoje.

D - Só o começo. <<risos>>

J - Ó, eu fui conhecer mesmo a Ciências Sociais só ano passado por meio da escola. Foi a minha coordenadora que me apresentou e falou pra eu ler um pouco sobre. Não dei bola no começo...

D - Sério?

J - Passei por tudo, não dei bola, olhei, eu entrei até no fluxo da UnB, eu vi que eu gostava de tudo que estava que, tipo, que era obrigatório. Eram só matérias que eu amava, mas eu só deixei passar. E aí foi quando... eu acho que juntei muito com meu professor de História e meu professor de Biologia, de Genética. Ele falava um, o outro falava o outro e eu comecei a juntar aquilo...

D - Casou as duas coisas.

J - Aí eu falei: "Caraca, não, calma! Eu preciso estudar uma coisa que é isso, são os dois juntos." Aí eu pensei Antropologia...

D – Entendi.

J - De uma forma mais pessoal com ela.

D - Que coisa boa. Isso foi ano passado?

J - Foi tudo ano passado.

D - Por causa de uma recomendação de professora sua?

J – Sim.

D - Tá. E antes o que você pensava em fazer da vida?

J - Muitas coisas. <<risos>>

D – [Nada assim...]

J - Eu pensei em ser Veterinária, bem tipo, por uns quatro anos eu acho que queria fazer Medicina Veterinária. Depois pensei muito em Biologia, pensei também Direito...

D - Você pensou tudo, né?

J - Em Relações Internacionais... Eu lembro que ano passado eu estava entre REL e Sociais.

D - Aham.

J - Estava pulando de um para o outro no comecinho. E aí, é! Acho que foi só por esses. Mas eu era muito forte em REL e também fui muito forte em Biologia. Eram os dois que eu ficava bem indecisa antes de <<inaudível>> Sociais.

D - Passou no vestibular agora, né?

J - Foi pelo PAS.

D - Pelo PAS?

J – Uhum.

D – Tranquilo. Deixa "eu" ver mais o que te perguntar - tem muita coisa mas agora tenho que pensar aqui porque como cada um tem uma trajetória tem um perfil eu tenho que <<inaudível>> dar meia volta pra poder voltar. Certo! Você teve Sociologia no ensino médio?

J - Tive.

D - Teve? Ainda assim quando você foi fazer Sociologia no ensino médio esse "click" só veio ano passado?

J - Só ano passado;

D - Foi ano passado que você terminou o ensino médio?

J - Foi.

D - Foi. E aí, como é que foram suas aulas de Sociologia? Gostava, não se interessava que nem você falou...?

J - Ah, depende. Tinha dia que eu gostava.

D - <<risos>> Era indiferente?

J - Não... <<risos>> Assim: primeiro que eram aulas facultativas.

D - Entendi.

J - Eram à tarde no contraturno e a galera sempre faltava, é... matavam muito. Não sei, às vezes eu ia, mas eu fui bastante.

D - Foi bastante.

J - É, o "rolê" era que tipo, às vezes o professor ele não... [não conversava muito... uma coisa que eu recebia]. Eu acho que talvez, não sei... eu acho que eu tinha uma birra com ele também muito forte, muito, muito forte. Às vezes eu olhava pra cara dele eu só, nossa, pensava tanta coisa e eu não gostava dele eu não gostava... acho que era dele mesmo e atrapalhava um pouco a aula. Mas quando eu sentava em casa pra ler um livro eu curtia muito...

D - Foram os três anos com o mesmo professor de Sociologia?

J – Foi.

D - As aulas dele eram chatas, estimulavam alguma coisa?

J – Não, ele usava *Datashow* aula toda. Aí a galera dispersava começava a conversar, ficava com sono... era uma coisa um pouco lenta.

D - No caso, professora né, que te recomendou a ir atrás das leituras?

J – Foi.

D - De Sociologia e Antropologia. Mas era da área ou... ?

J - Não, ela é da Psicologia.

D - Da Psicologia

J - Eu acho que é Psicologia.

D - Mas ela dava aula para você na escola?

J - Não ela era coordenadora.

D - Ah entendi. Ela te recomendou a ler esse tanto de coisa e você chegou aqui nas Sociais. Entendi. Na família, como se aceitou sua escolha, como a família te incentivou sei lá desde sua infância, adolescência até chegar aqui, questão profissional, questão de entrar no Ensino Superior? Conta mais ou menos como que foi sua história.

J - Tá! É... acho que meus pais, eles sempre apoiaram tudo que eu falava, que eu queria fazer...

D - Aham.

J - Não importava: podia ser uma semana tipo uma coisa, na outra, outra. Eles sempre foram pessoas que sempre olhavam...

D - Estavam junto.

J - ...e falavam: "Não, se você acha que é isso então você vai ser boa nisso!"

D - Uhum.

J - Então eles sempre me deram muita firmeza nisso, isso desde pequena. E aí foi tranquilo também quando eu falei pra eles a minha opção. Eles ficaram meio assim... falaram: "Pô, já olhou o mercado de trabalho?" Eu falei: "É vou olhar." Eu não tinha olhado, e aí eles ficaram meio assim com isso sabe...

D - Entendi.

J - Aquela preocupação.

D - Você sempre foi incentivada aos estudos, a leitura e de que forma?

J - Uhum. Deixa eu pensar... A minha infância inteira eu li muito gibi. A gente tinha assinatura...

D - [Eu] Gostava muito de Turma da Mônica. <<risos>>

J - Sim, e aí era gibi. Eu e minha irmã fazia... tampava nossa sacada inteira com cobertor pra fazer uma cabana, colocava luzes lá dentro e era nossa cabana da leitura.

D - Que criatividade!

J - Passava tardes lá lendo. É... na escola também eu sempre gostei muito de ler. Meus pais sempre me engajaram muito na arte. Então quando tinha apresentação eu estava, quando tinha concurso de poesia eu estava, concurso de redação também... e aí eu sempre estava nessas coisas na escrita, na leitura.

D - Arte era com você mesmo?

J - Aham.

D - Formação, pelo que eu vi no questionário, formação dos seus pais os dois, nível superior, qual é a área deles dois?

J - Meu pai fez T.I..

D - Aham.

J - E a minha mãe fez Direito.

D - Entendi. A escolha deles te influenciou de alguma forma em você caminhar nesse... se bem que você falou que já pensou de tudo, de fazer, né...

J – É.

D - ...pra entrar na universidade. A formação deles, a profissão deles, teve alguma influência, sei lá, alguma coisa que você pensou para fazer no futuro ou mesmo a sua própria formação intelectual, educacional? Como foi a escolha?

J - Meu pai, eu acho que ele sempre me incentivou muito para ir para a área das novas tecnologias, sabe, trabalhar em empresas como a Google...

D - Aham.

J - Ele acha isso uma coisa fenomenal e eu cresci ouvindo que trabalhar com isso ia ser incrível: empresas que mudam o mundo de uma certa forma. E já minha mãe, para ela eu tinha que ir pra política.

D - É mesmo?

J - Que eu falava muito bem, que sabia argumentar - bebezinha argumentava... Ela sempre falou que eu devia ir para a política. Então foi mais ou menos isso que os dois deram. Não sei...

D - Certo. No seu processo de aprendizagem, tanto ensino fundamental como ensino médio, foi uma coisa mais autônoma sua, ou seus pais tiveram uma participação, sei lá, de comprar livros e te dar, incentivar ler tais coisas ou como é que você foi desenvolvendo tal autonomia, sei lá: "Eu tenho interesse disso vou atrás disso pra estudar", como foi mais ou menos?

J - Ah foi tudo sozinha.

D - Tudo sozinha?

J - Foi. Eu que comprei meus livros - eles estavam lá também, mas eu que fui atrás dos livros, que eu comprava usado. Às vezes eu ficava o dia inteiro na escola: eu ia sozinha almoçar, voltava sozinha do almoço, e ficava lá, ia embora sozinha pra casa de ônibus pra poder ficar a tarde toda... Então foi uma coisa muito minha, mas não porque eles largaram...

D - Sim, sim.

J - Eu já fui na frente, né?

D - Certo. Bacana. Beleza. Então você chegou aqui nas Sociais. Foi uma escolha tranquila você ficar entre REL e Ciências Sociais?

J - Foi, foi muito tranquilo.

D - Foi tranquilo? Você jogou no dado e é isso... <<risos>>

J - Não... eu acho que lá pra setembro eu já estava firme em Sociais.

D - Entendi. É, assim que você já pensou nas Sociais, você já vislumbrou seu futuro? Como eu vi aqui pelo que você tinha colocado no questionário: área de trabalho, aquilo

que você tem perspectiva profissional, como que é? O quê que você tem hoje que você está pensando assim: "O quê que eu posso fazer com esse curso aqui no futuro"?

J - Eu achava que eu queria ir pra área só de pesquisa, mas não sei agora.

D - Está em aberto?

J - É, está em aberto, nossa, muito, muito.

D - Entendi. E como é que está sendo essas primeiras semanas, o primeiro mês do curso: choques, novidades era isso que você já esperava, com o que está sendo?

J - Ó, eu fiquei bem cansada no começo, nossa muito cansada, meu Deus! A primeira semana foi difícil. Muita leitura, então veio de uma vez, na primeira semana já tacaram duzentas páginas na semana inteira: "Lê aí".

D - Normal com todo mundo isso aí.

J - No início eu senti um pouco, mas acostumei rápido também.

D - Que coisa boa.

J - Eu esperava a UnB do jeito que ela é, eu já conhecia um pouco dela.

D - Certo. Contato com os professores, com os colegas, como está sendo? Você já participou de algum evento grande aqui do instituto fora aquela aula de abertura? Não sei se você foi.

J - Não, não fui.

D - Não chegou a ir...

J - Eventos grandes não.

D - Entendi, a aula que você tinha agora era do que? De Introdução à Sociologia?

J - Economia

D - Economia, Inteco. Não teve aula hoje, dessa vez?

J - É

D - Júlia, eu acho que é isso mais ou menos. Foi bem esclarecedor... suas respostas. Eu acho que não tenho mais nenhuma questão. Ah sim. No caso, escola, você cursou em escola particular, não foi?

J - Isso, particular.

D - Tanto o ensino fundamental como o ensino médio?

J – Uhum.

D - A trajetória toda, né? Eu acho que no mais é isso. Já tem ideia mais ou menos, a sua preferencia: Antropologia, Sociologia...

J - Antropologia

D - É mesmo?

J - Uhum.

D - Já está tão acertada assim? Tem uma galera que demora pra chegar lá, pra se decidir...

J - Não, é Antropologia.

D - Que coisa boa. Por que? Justamente por causa dessas leituras que você tinha feito antes?

J - É.

D - Introdução a Antropologia está sendo tranquilo, está gostando?

J - Nossa, estou amando. Meu Deus, eu saio de lá apaixonada.

D - Quem é que está dando aula?

J - É o Trajano.

D - Trajano. Certinho. E em Introdução à Sociologia, quem é o professor?

J - É o Trajano o professor.

D - Não, Sociologia?

J - Ah, Sociologia é a... eita, calma.

D - Berenice?

J - Não, a Berenice é da outra turma. **D - Ah, é que são duas, é verdade.** J - Nossa, me fugiu total agora.

D - <<risos>> Não é importante não. Só questões triviais também, que pode ser que ajude. Júlia, é isso.

<u>Entrevista – aluno AG. – 30 de agosto de 2017</u>

D - Gravando. Então vamos lá. A pergunta inicial é mais genérica, mas depois pela nossa conversa eu posso ir aprofundando em algumas questões, viu? Augusto, o que é que você considera de forma geral, se você quiser dizer assim algumas questões específicas, quais foram as suas motivações para ingressar nas Ciências Sociais? O que você pode elencar, assim?

AG - Eu acho que principalmente minha mãe, que ela fez o curso que <<inaudível>> várias graduações, uma delas é Filosofia e Sociologia e eu sempre me interessei por alguma dessas duas áreas. E como [minha mãe me criou], eu escutava muito ela falando de algumas coisas e começou a me interessar [neste] momento, tanto das Ciências Sociais como da Filosofia. Mas acho que também no terceiro ano eu tive um professor que instigou a gente a estudar principalmente Sociologia que <<inaudível>> no Ensino Médio e foi basicamente isso.

D - Sua mãe fez, das graduações que ela fez, Filosofia e Sociologia?

AG - É. Ela dá aula de Filosofia e Sociologia.

D - Qual foi o seu primeiro contato com a Sociologia? Sei lá, tempo de criança, na adolescência, como é que foi?

AG- Depende <<interrupção de fala>>

D - Você falou que...

AG - <<inaudível>> Sociologia. Minha mãe sempre, na educação mesmo ela falava de alguns termos e etc., principalmente da Filosofia, porque ela <<inaudível)>> Filosofia. Ela adora falar de Freud, por exemplo. E, mas <<inaudível>> eu não lembro desse primeiro contato. Mas assim, primeiro contato com a matéria mesmo Sociologia foi no ensino médio.

D - No ensino médio. Entendi. No caso, sua familiaridade - deixa eu ver se eu entendi - tanto Sociologia e Filosofia, né, que deixou você nessa dúvida de escolher entre um e outro, isso também por causa da educação da sua mãe, o contato que você teve com aquilo que ela estudava, daquilo que ela falava com você ou foi algum estimulo dela, sei lá pra você... para a vida de leitura, de estudo, como foi mais ou menos?

AG - Não, ela sempre me incentivou a ler. Eu acho que principalmente foi isso, mas ela nunca falou que, por exemplo, que eu tinha que fazer Ciências Sociais ou fazer alguma coisa que ela mandasse. Então ela só dava base e livros pra eu <<inaudível>> conhecimento...
<<interrupção de fala>>

D - Ela dava livros para você para ler...?

AG - Sim, sim.

D - Mas especifico da área ou conhecimentos gerais?

AG - Conhecimento geral assim. Livro de literatura, livros de estudos também, por exemplo, eu li um sobre <<inaudível>>. E principalmente foi isso, a base que ela me dava e o que ela estava me instigando. Mas Sociologia assim mesmo, acho que foi no ensino médio que eu tive mais contato com o que realmente [vai fazer no futuro, estudo e etc.].

D - Entendi, uma coisa mais [simples]. Mais direcionada... não é uma coisa tão geral, né?

AG- Sim.

D - Você considera que o seu desempenho na Sociologia no ensino médio foi bom, foi satisfatório, você teve algum choque, você já amou desde o princípio? <<risos>> Como é que foi?

AG - Então, eu tive três... três não, muitos professores durante a Sociologia no ensino médio. No primeiro ano eu tive uns cinco porque era professor substituto, professor substituto saindo...

D - Um atrás do outro?

AG - Sim, porque eu estudei em escola pública, então... Mudava no primeiro ano porque não tinha professor [contratado] no primeiro ano. Então o primeiro contato foi meio conturbado, mas aí no final a professora continuou, mas ela só continuava falando de Karl Marx. Era basicamente o que a gente aprendia, tipo coisas bem básicas, tipo: "Quem é o pai da Sociologia? Quem é o mais importante da Sociologia? Quem é Karl Marx?". Foi isso que eu vi no primeiro ano. Aí tipo eu não goste... eu achei "normal", sabe? Era uma matéria assim muito fácil de tirar dez, porque era só você sair decorando quem era quem...

D - Respondia na prova e acabou?

AG - Sim. No segundo ano o professor já era diferente e o professor era <<inaudível>> era amigo da minha mãe. E toda aula ele passava ou texto ou filme para gente ver e na aula seguinte discutir. Então a gente sempre tinha alguma coisa pra ler e assistir e na aula discutir. E aí foi um momento muito legal, porque sempre gostei de compartilhar ideias, tipo de escutar o outro, de tentar entender até porque eu não sei muito. Eu sei escutar as pessoas que talvez tenham algum outro ponto de vista legal. Aí basicamente o segundo ano foi isso, [não teve matéria, foi basicamente o que a gente já conhecia].

D - Entendi.

AG - No terceiro ano, o professor que eu disse que ele instigava a gente a fazer umas coisas, a gente viu muita coisa. Desde August Comte até Durkheim, assim o básico, né. Mas a gente sempre pegava o básico e colocava no nosso dia-a-dia, alguma coisa assim. Por exemplo, ele passou um trabalho que a gente tinha que ver o estatuto da escola, uma coisa assim, e que a gente tinha que fazer um júri simulado sobre isso usando o que a gente tinha aprendido de vários autores. E era muito trabalho assim participativo. [Nós também fizemos trabalho de vídeo sobre invisibilidade] e eu acho que foi o que me instigou. E é isso. Depende do ano do ensino médio.

D – Entendi. A decisão para ingressar no curso de Ciências Sociais aqui na universidade quando é que se deu?

AG - Foi no meio do ano passado, porque no primeiro semestre eu fiz Direito, mas...

D - Você chegou a fazer? Cursou Direito?

AG - Sim, [um semestre]. Mas eu me desencantei com o curso tanto por tipo mercado de trabalho, porque você vai trabalhar, eu percebi que as pessoas são muito [focadas] naquilo que está na Constituição, na legislação alguma coisa assim e, tipo, não tem Direito crítico e eu queria algo mais relacionado a isso. Mas esse <<inaudível>> a gente viu Direito jogado no lixo pelo Departamento de Sociologia, que fala sobre o que as pessoas discutem para se tornar lei, alguma coisa assim. E tipo é mesmo uma lei criada na rua, né? Começa levada ao Congresso, enfim. E eu percebi que Ciências Sociais tem uma gama muito mais ampla, sabe? Que você pode se meter em tudo quanto é área e falar alguma coisa ou dizer alguma coisa daquela área...

D – Pode dar o seu pitaco lá. Entendi. Mas foi só nesse momento mesmo que você teve esse despertar: a Sociologia, é uma boa escolha?

AG - Não, não. Era sempre a minha segunda opção também.

D - Sempre foi? Mesmo quando você entrou no Direito e tudo? Mas isso aí você meio que despertou nesse período do ensino médio mesmo?

AG - Sim, sim. Até porque eu não conhecia antes do ensino médio o que era matéria fechada Sociologia.

D - Entendi. A situação familiar para você entrar aqui na Sociologia foi tranquilo, teve alguma...?

AG - Depende. Por parte da minha mãe foi bem tranquilo. Apesar de, por exemplo, tem tios distantes que não sabem nem o que é, mas a minha mãe já está basicamente no meio, ela entende super tranquilo. Mas sempre tem uns tios aleatórios que não sabem o que é ou falam que não vai ter emprego...

D - Entendi. Enfim, acontece, é normal como todo mundo do curso. <<risos>> E quando você ingressou aqui na Sociologia, como é que foi, sei lá, a familiaridade com esse mundo novo, os choques, as aflições, as alegrias, enfim. Terceiro semestre, né, que você está? Que eu vi lá no questionário que você tinha colocado. Como é que foi esse processo desde quando você entrou até aqui?

AG - Então, eu levei um choque. Eu fiquei muito perdido, porque a dinâmica do curso... é pesado. Tem muita gama de leitura e eu não estava acostumado. Eu gosto de ler, mas sabe quando não é aquilo porque a leitura é mais densa? Então, por exemplo, meu curso de Direito a gente não lia nada basicamente: a gente ia para aula, tipo ensino médio, a gente tinha aula e era aquilo. E de vez em quando a professora de [introdução] passava algum texto e eu estava muito acostumando com isso do ensino médio, de ir para aula, ver a aula e depois estudar em casa. E aqui é completamente diferente a dinâmica e a leitura é densa e você tem que entender o texto para participar da aula. Daí acho que eu fiquei muito tempo perdido no que fazer, aí tive que caçar um monte de texto e etc., mas você vai se acostumando com essa quantidade de textos, não com a densidade, porque é sempre denso, sempre...

D – Não tem jeito. <<risos>>

AG - Cada vez mais pra baixo. Mas foi esse, eu fiquei muito... até pensei, sei lá, de desistir um pouco de algumas matérias, sempre tem essas coisas. <<interrupção de fala>> Muito,

muito pesado. E é uma coisa que não falam quando está no ensino médio, porque quando você está no ensino médio fala da UnB, é uma coisa muito perfeita, é uma coisa que não é fácil, mas também não é difícil assim, e aqui é muito mais difícil do que imaginava.

D - A realidade é outra.

AG - Ainda mais que Ciências Sociais para outras pessoas que não conhecem é tipo nada, sabe? As pessoas falam muito mal das Ciências Sociais, mas tem uma gama de leitura muito densa e extensa... Mas aí eu gosto muito, porque tem uma diversidade muito grande de pessoas e, como eu disse, eu gosto dessa troca de perspectivas diferentes. Eu acho que na UnB tem bastante disso, até por ser uma universidade.

D - É, bacana. Achei bem completo sua... Entendi. Tá, você está no terceiro semestre, já consegue vislumbrar seu futuro depois que formar: profissional ou acadêmico, não sei. O que você enxerga? Ou nada até agora, como é que está? <<risos>>

AG - Acho que não, porque seria muito legal eu manter como um cientista social, só [cientista] social bacharel, como produzir material, estudo, pesquisas, essas coisas. Mas eu acho que é uma área muito acadêmica, mas se você quiser isso você tem que ficar na universidade, o que eu ainda estou me acostumando com a ideia, não sei se eu quero. E ser professor eu estou me interessando agora a ser professor de Ensino Médio, dar aula e etc., porque eu acho que eu também não tenho a pegada de dar aula com aluno. Mas é isso, é uma dúvida bem constante ainda mais cursando o terceiro semestre que você tem que escolher qual área, se é Antropologia, Ciências Sociais, bacharel...

D - Sim, sim. As habilitações.

AG - Sim. E até agora eu não tenho muito claro, mas eu vou pegando [coisas].

D - Entendi. Tá! Deixa eu fazer um retorno aqui cronológico, lá antes, escolha profissional e tudo. Tirando o Direito e a Sociologia, você já pensou outra coisa na vida, assim sei lá idealizou?

AG - Não, <<inaudível> Direito e a Sociologia é interessante. Tipo agora, eu estou fazendo um projeto de extensão que, acho tem muito a ver com a minha cara, com o que eu gosto de fazer que é sobre [migrações], alguma coisa assim. Então tipo, eu estou gostando muito do que eu estou fazendo. Mas eu também não sei se eu vou continuar nessa, o que vai acontecer...

D - Você já participou de algum evento grande da Sociologia de quando você entrou para cá? Sei lá, algum Congresso, alguma Semana de Sociologia, Encontros Graduados coisa do tipo, aqui da Sociologia?

AG - Eu não estava aqui quando teve <<inaudível>>...

D - Você vai ter tempo, está no terceiro semestre ainda. Persevera, viu? <<risos>> Eu acho que o mais é isso.

<u>Entrevista – aluno AD. – 25 de setembro de 2017</u>

D - Tomara que meu celular não dê pau aqui. <<nome do entrevistado>>, eu vou começar com uma pergunta geral e depois dependendo daquilo que você for me dizendo eu vou pegando umas questões mais específicas, viu? O que você considera assim de grande importância que te trouxe aqui para as Ciências Sociais, para o curso? Qual foi sua motivação principal, digamos assim?

AD - A matéria da Sociologia no ensino médio.

D - No ensino médio?

AD - É.

D - Você está em que semestre agora já?

AD - Primeiro.

D - No primeiro. Terminou o ensino médio no ano passado?

AD - Ano passado. Isso.

D - Está recente, que bom. Quais são os elementos das aulas de Sociologia, ou foi do conteúdo ou da matéria em si que te estimularam: "É isso que eu quero fazer"? Claro, porque [o ensino] é muita coisa. Ou pode ser o professor, ou pode ser a matéria como um todo, sei lá, alguma coisa te chamou mais atenção nesse meio aí para te trazer até aqui.

AD - Eu preciso pensar para responder. Espera aí.

<<risos>>

D - Tranquilo, pode pensar.

AD - Deixa eu ver. <<pausa>> Ah, não sei. Eu acabei ganhando muita afinidade assim com a matéria e com o professor, tinha muito... Gostava muito dele. E era a matéria que eu mais assim me identificava. Mas não teve nenhuma causa muito específica sabe para eu querer escolher isso.

D - Por que da afinidade? Era porque você tinha facilidade ou tinha alguns elementos que você se interessou de estudar?

AD - Porque eu gostava mesmo.

D - De tudo?

AD - Não.

D - Algumas coisas?

AD - É.

D - O que instigava? Por exemplo, eu já entrevistei outras pessoas que elas falaram: "Ah, eu gostava da Sociologia, porque tinha uma visão crítica do mundo, da sociedade, isso me instigou", entendeu? Outras pessoas falavam: "Ah, eu não gostava muito de Exatas, mas de Humanas foi a que eu mais gostei", entendeu? É mais ou menos por aí onde eu quero chegar. Tem como você elencar o que foi principal aí nesse sentido?

AD - Tá. <<pausa>>

D - Pode pensar tranquilamente. <<risos>>

AD - <<pausa>> Eu gostava muito do jeito que abordava o conteúdo. Era muito subjetivo, sabe? A gente não necessariamente... Por exemplo, numa prova não necessariamente caiu conteúdo, mas às vezes era uma questão social e você discorria sobre isso. Sei lá, eu gosto muito dessa parte, sabe? Mas, não sei. É isso.

D - Você tinha mais liberdade assim.

AD - É.

D - Na avaliação, na hora de escrever e tudo.

AD - É. Exatamente. Porque é muito subjetivo, não é uma coisa exata.

D - Entendi. O seu contato com a Sociologia foi só no ensino médio ou você já tinha noção daquilo que era?

AD - Não. Só foi no ensino médio.

D - E antes do ensino médio você pensava o que você queria fazer da vida depois que acabasse o ensino médio, a escola? Como foi essa trajetória?

AD - Eu queria fazer matemática. <<risos>>

D - Matemática? Que coisa boa. <<risos>> Já pensei a mesma coisa.

AD - Mas aí desandou.

D - Desandou. Entendi. No seu período, sei lá, ensino fundamental, ensino médio, tanto na sua infância quanto adolescência, qual era sua proximidade com leitura, com estudo, com cultura? Será que isso te ajudou de alguma forma a escolher pela Matemática naquele tempo e logo depois na Sociologia? Não sei se você entendeu minha pergunta.

AD - Não, eu acho que eu entendi. Assim, quando eu era menor, menor assim, de uns onze anos, eu não lia quase nada. Mas aí depois eu comecei a ler muito mesmo. Eu tenho [uns] livros em casa, mas acho que tem a ver sim com essa escolha ou talvez não, mas acho que sim. E não sei. É isso.

D - Quando você passou a ler, a gostar de ler e tudo foi uma inciativa sua mesmo ou foi a família, seus pais, alguma pessoa que te incentivou a isso?

AD - Minha mãe ficava muito pressionando para eu ler, mas assim eu não lia. Porque né, eu não vou ler obrigado. Mas aí chegou uma hora que eu realmente achei uns livros que eu gostava, sabe, com uns treze anos. Aí eu comecei e aí leio de tudo hoje.

D - Entendi. Então seu despertar para entrar aqui na Ciências Sociais quando você fez Sociologia no ensino médio. Foi em escola particular que você fez?

AD - Foi.

D - Pelo que eu vi que você preencheu lá no questionário. Assim que você conheceu a Sociologia você já quis? Sei lá, você passou pelo o que? Vestibular ou PAS?

AD - PAS.

D - Pelo PAS. Assim de cara que você encontrou a Sociologia você já quis fazer o curso aqui na UnB ou sei lá foi mais para o final?

AD - Foi mais para o final. Chegou no último ano eu não sabia o que eu queria ainda. Mas assim, só dois cursos que eu acabei tendo mais afinidade foi... Para eu entrar aqui, foi Ciências Sociais e Artes Cênicas. Mas aí eu acabei vindo para cá.

D - Mas foi um jogo de dado assim "Eu escolho esse", ou você pensou bem até escolher?

AD - Ah, eu pensei muito. Porque... Ah, eu pensei muito, mas fora esses dois não tinha nenhum que eu iria.

D - Seus familiares, amigos talvez, aceitaram bem a sua escolha pelas Ciências Sociais, por você ter entrado aqui?

AD - <<risos>> Tá, espera aí. <<pausa>> Assim, quando eu falei Ciências Sociais eles nem sabiam o que era. Aí meu pai não gostou muito não. Porque era tipo "Tá, o que você vai fazer com isso?", mas no final quem tem que aceitar sou eu, né. Aí eu vim de qualquer jeito, mas eles deixam eu fazer.

D - Não que incentiva, mas deixa.

AD - É, mas o importante é fazer a coisa que você quer, né?

D - Entendi. Quando você decidiu entrar nas Ciências Sociais você já tinha em mente assim a perspectiva profissional? Sei lá, "no futuro quero ser professor, quer fazer mestrado", não "primeiro vou fazer o curso, depois vou ver o que eu vou fazer"?

AD - Não [sei].

D - Só veio?

AD - Só vim. <<risos>> Sério. Não sei o que eu tenho de perspectiva.

D - Mas você já tem conhecimento mais ou menos do mercado de trabalho que você vai ter aqui fazendo Ciências Sociais?

AD - Não.

D - Não faz ideia? Sei lá...

AD - Não.

D - Nem pensa nisso ainda, né?

AD - Nunca parei pra...

D - Calma, só está no primeiro semestre, viu?

AD - Não, pois é.

D - Deixa eu ver se eu tenho mais alguma pergunta. E como está sendo o primeiro semestre aqui na UnB? Quais foram os choques de realidade, as alegrias, as tristezas, as angústias? Como é que está sendo? Era o que você esperava, é mais do que você esperava? Conta mais ou menos como está sendo o início dessa vida acadêmica aqui.

AD - Eu não me surpreendi com muita coisa, porque não. Eu estou gostando muito, eu realmente gosto de vim para cá, eu realmente gosto de ir para as aulas também. Mas, não, não foi nenhum choque não. Eu só cheguei e...

D - Caí.

AD - É, estou aqui. Mas, não teve nada assim. Mas eu gosto bastante.

D - Está cedo ainda, está no primeiro semestre.

AD - É